

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**Centro de Ciências da Saúde**

**Escola de Educação Física e Desportos**

**Departamento de Arte Corporal**

**Curso de Bacharelado em Dança**

**CIBELLE PEREIRA MARQUES**

**Inventário de Si:**

janelas que se abrem para possíveis interseções entre a dança espontânea em ambientes eclesiais e a improvisação em dança

Rio de Janeiro, 2022

CIBELLE PEREIRA MARQUES

**Inventário de Si:**

janelas que se abrem para possíveis interseções entre a dança espontânea em ambientes eclesiais e a improvisação em dança

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Dança.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Regina Garcia Millás.

**Rio de Janeiro**

**2022**

## DEDICATÓRIA

*Escrevo isso como forma de trazer a minha memória que nada é realizado sem suporte e também como forma de gratidão, antes mesmo de se tornar realidade. Dedico esse trabalho à:*

*Minha família, seja ela biológica ou de amigas, que estiveram presente em amor, suporte e como ouvintes.*

*Minhas duas versões: a Cibelle de 1993, que mal sabia que suas memórias, se tornariam sua inspiração para a arte e a Cibelle de 2016, que decidiu mudar de área, encarar seus medos e que tinha muita insegurança, mas que não desistiu.*

*Todas as mulheres, que mesmo em meio a suas dificuldades, batalham para alcançar postos antes não permitidos e para aquelas da minha família que deixaram como legado para suas gerações a liberdade de poder voarem quando quiserem.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço, aos meus pais: Cristina Pereira e Adilson Marques por me instruírem pelo caminho acadêmico, por terem se dedicado em me dar o melhor que poderiam. Ao meu pai, obrigada pelos deveres ensinados e conselhos para que eu fizesse da minha vida acadêmica uma meta. À minha mãe, agradeço por ser minha melhor amiga, meu suporte em dias difíceis, minha incentivadora, que me apoiou e incentivou mesmo quando eu não acreditei ser capaz, obrigada por ser esse ser incrível mãe e por ter me deixado além de muitos outros legados, a dança como forma de respirar em meio ao caos.*

*Aos meus avós Engraça Pereira, Otacílio Paulo e Virgínia Sobrinha que sempre que puderam me auxiliaram e acompanharam meus trajetos acadêmicos. Me dando conselhos além da geração deles e sonhando com as oportunidades que eu tive, mas que eles não tiveram.*

*À minha irmã Marcele Marques por mesmo antes de falar me mostrar que eu seria capaz de realizar muito mais do que eu imaginava, o amor que eu tinha por você antes mesmo de nascer me fez perceber que a expressão é um ato de bravura. Obrigada pelas conversas e por me ouvir explicar dez vezes a mesma coisa sobre meu trabalho de conclusão e também por me auxiliar na montagem e edição da dança em vídeo!*

*Ao meu esposo, meu companheiro e amigo Arthur Felisberto, pela paciência e suporte mesmo antes de eu ingressar na faculdade. Obrigada por viver meus sonhos e compartilhar sempre que podia minhas capacidades para ir até o fim com excelência. Talvez, sem tudo isso eu teria desistido antes de chegar ao final, então, obrigada por ser meu ouvinte, meu apoiador, meu videomaker oficial, meu fã e partilhar a vida de maneira leve comigo.*

*Às minhas amigas que foram ouvintes, suporte e animadoras em processos difíceis, mas também nos alegres. Vocês fazem parte da minha conquista e se eu colocasse nomes, perderia a oportunidade de abarcar todas! Em especial, as amizades que consegui construir ao longo da graduação, que compartilharam desses momentos voltados à Universidade, mas que extrapolaram os limites das paredes dela e fazem parte da minha vida em todos os sentidos, obrigada pela paciência quando eu quis desistir e pela força para eu continuar!*

*Agradeço também a Roberta Machado, que me inspira e me transmitiu a verdadeira essência do ensinar: uma missão em amor. Que me deu suporte e se hoje estou aqui, é porque em 2016 você me doou seu tempo e o investiu no meu sonho.*

*À minha professora orientadora Dra. Cláudia Millás, por ter sido companheira, ter compartilhado de tantas reflexões, perguntas, expectativas e ter me dado segurança, suporte e respeito. Você foi o que desde o início eu havia pedido e sonhado para esse processo final como orientadora.*

*À professora Vanessa Tozetto por ter, ao longo dos últimos períodos, me auxiliado no processo de finalização e agregando tranquilidade, paciência, dizendo suas experiências, se mostrando muito humana e me tocando profundamente com suas palavras e risos.*

*À professora Isabela Buarque, parte da banca de avaliação deste trabalho, por ter aceitado o convite e contribuir na finalização do estudo.*

*Ao Ministério de Dança Geração de Daniel, por terem sido uma família, um ambiente acolhedor, de suporte, amor e de muitas alegrias. Obrigada por terem trazido a dança para mim, como se tivessem me entregado uma joia rara!*

*À Deus, o principal Artista, por ser vivo e real, como o mar, como as conchas, as estrelas e tudo que me permeia. Por ter tornado o impossível, possível, por ter sido meu suporte nos dias em que não havia ninguém além de Você. Por ter me inspirado e me dado ótimas experiências, mas também por ser cômico e me ajudar nas aventuras da vida, a fim dela ser mais leve.*

*Obrigada!*

*“Improvisar é abrir-se ao acaso e não é fácil entregar-se ao desconhecido, pois ele nos  
assusta.”*

(SANTINHO, 2013; OLIVEIRA, 2013)

## **RESUMO**

O presente estudo trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desenvolvido a partir de uma narrativa autobiográfica denominado de Inventário de Si, em que se estabelecem interseções entre a dança espontânea em ambientes eclesiais e a improvisação em dança, evidenciando a memória como processo de recriação do vivido. O estudo iniciou-se a partir da disciplina obrigatória de Roteiros e Improvisações I, no ano de 2020, em que foram abordados princípios da improvisação em dança, com experimentações práticas de criação e, posteriormente, já sob orientação do TCC, procedeu-se a investigação histórica contextual da religião cristã e, partir da necessidade de coleta de dados qualitativos, do estudo de caso específico do GEDAN, finalizando-se com estudo prático de criação de dança em vídeo. Considera-se que por meio do Inventário de Si, foi possível adentrar nas memórias da estudante, abrindo-se janelas para observar um trajeto, onde há interseções, semelhanças e diferenças entre dança espontânea e o improviso.

**PALAVRAS-CHAVES:** Dança; Improvisação; Processo Criativo; Religião.

**RESUME:** The present study is the Bachelor's Degree in Dance Work at the Federal University of Rio de Janeiro, developed from an autobiographical narrative called the Inventory of the Self, in which intersections are established between spontaneous dance in ecclesiastical and ecclesiastical environments. improvisation in dance, highlighting memory as a process of recreating the lived experience. The study started from the compulsory subject of Scripts and Improvisations I, in 2020, in which principles of improvisation in dance were addressed, with practical experimentation of creation and, later, under the guidance of the TCC, proceeded to contextual historical investigation of the Christian religion and, starting from the need to collect qualitative data, from the specific case study of GEDAN, ending with a practical study of video dance creation. It is considered that through the Self Inventory, it was possible to enter the student's memories, opening windows to observe a path, where there are intersections, similarities and differences between spontaneous dance and improvisation.

**KEYWORDS:** Dance; Improvisation; Creative Process; Religion.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01	16
Foto 02	19
Foto 03	55
Foto 04	56



## SUMÁRIO

<b>BREVES RECOMENDAÇÕES</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>INVENTÁRIO DE SI</b>	<b>15</b>
<b>PRIMEIRA JANELA - Vamos tentar iniciar depois do começo: o passado pode explicar o presente.</b>	<b>28</b>
Religião Cristã Protestante	31
A dança no cristianismo e seu banimento	33
A volta da dança no cristianismo	35
<b>SEGUNDA JANELA: Dança em ambientes eclesiais protestantes e algumas possíveis definições.</b>	<b>37</b>
O que é um Ministério de Dança?	38
Tipos de composições em dança no ambiente eclesial & suas sensações	41
A sensação de cura através da dança espontânea	45
<b>TERCEIRA JANELA: Improviso</b>	<b>48</b>
Interseções com a dança espontânea	49
Como não entrar numa zona de conforto de movimentos?	50
<b>QUARTA JANELA: A criação da dança em vídeo e considerações finais</b>	<b>53</b>
Dança em vídeo: JANELAS	55
Considerações finais	57
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>60</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>62</b>

## BREVES RECOMENDAÇÕES

*Bem vinda ao meu trabalho de conclusão de curso! Aqui trago algumas breves recomendações que irão auxiliar na leitura do texto, para que acompanhem a proposta de forma efetiva.*

*Ao trabalhar no texto do estudo, em uma reunião de orientação, me veio o pensamento “eu preciso ser eu mesma na escrita, assim como sou na fala”. E a partir disso, pensei em deixar vocês com algumas orientações iniciais e spoilers saudáveis, para que possam fluir no texto:*

- *Como devem ter notado logo no meu “bem vinda”, eu escrevi meu trabalho com o pronome feminino como principal pronome, desobedecendo a norma de que é o masculino, pois sou mulher e acho justo em meu trabalho escrever como eu optar pela minha representatividade. Além disso, em minha história há muitas mulheres fortes que me fizeram ser o que sou hoje. Então, por elas e para elas é a minha irreverência à norma, pois como um professor disse uma vez “regras são criadas para alguém contestar e as quebrar”;*
- *Meu trabalho é escrito em primeira pessoa, pois tem a proposta de trazer meu percurso e meus objetos de estudo;*
- *Para compreender e adentrar no meu trabalho, preciso contar que ele é um lugar com uma porta de entrada e muitas janelas, que podem te levar a outros lugares! A porta de entrada é meu Inventário de Si, que é onde vocês poderão observar janelas. E se quiserem pular para dentro de alguma, é só fazer! Elas serão indicadas através das antigas janelas do MSN, pois sou da geração do MSN (cringe). Se você que está lendo não sabe do que estou falando, verá aqui umas janelinhas indicando que um determinado assunto entrou e se clicar nela, será levada até onde o assunto estará sendo abordado de maneira um pouco mais aprofundada, como se você fizesse um mergulho no mar e sentisse a mudança de temperatura conforme desce, para talvez encontrar a terra no fundo;*

- *Outra coisa importante é que textos escritos em itálico, como esse que está lendo, refere-se à minha voz, em primeira pessoa, contando algo íntimo. Então, imagine ainda que não saiba como é meu timbre de voz;*
- *Quando esse “&” for utilizado, ele se refere a interseção ou interseções e não a adição somente, lembra daquela imagem da matemática quando a professora tenta explicar a interseção? Dois círculos que se encontram em uma parte? É assim.*
- *Meu trabalho de conclusão de curso é uma exposição de assuntos, que acredito serem pertinentes e que podem ter continuidades futuras, para aprofundamentos. Assim, ele está na horizontal e não na vertical, não crie expectativas de mergulhos muito profundos.*

## INTRODUÇÃO

Para mim, a vida é cheia de interseções, desde nossa concepção até nossa morte e, quem sabe, até após ela. Já irei explicar o que isso significa, mas antes preciso contar algo importante.

Quando decidi prestar vestibular para o Bacharelado em Dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), haviam dois pré-requisitos para passar: uma determinada pontuação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ser aprovada no Teste de Habilidades Específicas (THE).

O THE consiste em uma avaliação prática, dividida entre: solo de dança livre, memorização e reprodução de uma sequência coreográfica, e uma seção de improvisação em dança. Então, durante essa prova para acesso ao curso, me deparando com o improvisado, e ao longo da graduação pude ver que haviam interseções entre os improvisos que eu fazia naquele ambiente acadêmico, com o que eu já tinha presenciado e experimentado no ambiente eclesial com relação à dança espontânea.

Comecei a perceber que somos detentores de conhecimentos prévios e saberes singulares, provenientes de nossas histórias, contexto, família, ambiente e de tudo que nos permeia, influenciando nossas vidas. E que tudo junto acarretará em possíveis novos saberes, pesquisas, interseções, curiosidades etc.

Assim, comecei a me interessar pelo estudo de um tipo específico de composição em dança: o improvisado, por meio da disciplina Roteiros e Improvisações I (EFA 507) quando, despretensiosamente, parte dos estímulos de transmissão de conhecimentos me remeteram a vivências que havia experimentado antes de ingressar na faculdade.

Esse estímulo proposto me fez experimentar uma dança, onde eu me sentia mais livre para compor movimentos e experimentar uma sensação de alívio, tranquilidade e a sair da minha zona de conforto da reprodução de alguns movimentos já bastante conhecidos por mim, pois criei um novo vocabulário de movimentos. Bem como, descobri que minhas memórias poderiam ser inspiração para composições na dança.

Durante a minha experiência na dança espontânea, uma das coisas que percebi foi que com o decorrer do tempo, alguns movimentos não eram mais espontâneos, eu acessava a minha memória corporal e reproduzia um movimento que já havia realizado antes, ou seja, eram movimentos conhecidos. Eu queria sair desse lugar e explorar movimentos, mas não sabia como. Percebi também, que a dança espontânea me proporcionava alívio e tranquilidade, mas eu estava em uma zona de conforto de movimentos e isso não me deixava bem como dançarina, eu queria mais e o improviso me auxiliou em encontrar outras possibilidades.

Meu trabalho de conclusão de curso é composto por um Inventário de Si de onde se abrem janelas. No total serão 4 janelas, por onde você poderá olhar, pular para uma delas ou fechar se quiser. A metodologia utilizada neste trabalho foi composta ao longo do próprio caminhar, do processo de pesquisa, conforme demandas e urgências. Iniciei partindo de uma narrativa autobiográfica, que consiste num Inventário de Si (que você verá em breve), no qual trabalho com a memória como recriação do vivido.

Posteriormente, através do auxílio da minha orientadora, percebemos a necessidade de uma coleta de dados, por meio de um estudo de caso específico do Ministério Geração de Daniel, do qual fiz parte do ano de 2008 até 2016, para entender questões específicas da dança espontânea. Para tanto, apliquei questionários abertos aos ex-integrantes e ex-líderes do Ministério e também aos pastores e membros da Igreja da qual fiz parte enquanto estava no ministério, fazendo análise das respostas obtidas e utilizando como parte da minha investigação.

Na sequência, vieram os estudos teóricos e a contextualização histórica da religião que me influenciou, a partir do uso de bibliografia básica. O estudo culminou, então, em uma investigação artística prática, a partir dos preceitos estudados na disciplina de Roteiros e Improvisações mencionada, onde pude perceber que meu corpo reverberava e falava sobre minha história no momento que eu improvisava, dando origem ao meu vídeo de dança.

Assim, percebi que as questões geradoras do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seriam as interseções que eu percebia entre a dança espontânea em ambientes eclesiais e o improviso em dança, a partir das minhas vivências e memórias, como

também as vivências e memórias de outras pessoas. Além disso, tudo que permeia essas interseções.

A dança no meio eclesial por muitos anos foi passada através da oralidade, sem muitos documentos escritos, então, meu trabalho tem como um dos objetivos guardar algumas memórias, reflexões, vivências e investigações, fazendo com que a dança nesses meios tenha em sua história mais documentos e estudos.

## INVENTÁRIO DE SI

O Inventário de Si foi uma proposta dada pela minha orientadora para registrar através da escrita e de imagens, a minha história de vida. O objetivo foi me aprofundar, a partir das minhas próprias memórias, no trajeto percorrido desde meu nascimento até o período da Graduação em Dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por meio deste Inventário, eu consegui elucidar o que eu gostaria de estudar, quais seriam as questões geradoras da minha pesquisa e as razões delas serem importantes para mim, pois a partir das minhas memórias pude observar que eu as utilizava como combustível para as criações artísticas.

Além disso, o Inventário de Si foi uma forma de eu recriar minhas vivências, tornando-as vivas novamente e me trazendo a sensação que tudo foi importante para cooperar na artista que me tornei. Me recriar a partir do meu Inventário foi um divisor de águas, pois consegui me ver de outra forma e me reinventei como artista, me senti livre para minhas produções e também para falar sobre minha história na dança.

*<sup>1</sup>Minha história começa não com memórias minhas, mas histórias contadas que eu acredito serem verdade. Para começar, minha mãe me contou que ela e meu pai não sabiam o meu sexo até eu nascer, mas já haviam escolhido um nome para uma menina: Cibelle. Nasci em 29 de novembro de 1993 em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro. Morava em uma casa na parte de baixo da que meus avós maternos residiam, o que me fez ter uma proximidade muito grande com a minha avó Engraça, Graça para todos que a conhecem. Meus pais eram vizinhos e se casaram quando minha mãe tinha 17 anos e meu pai 21.*

*Minha mãe é filha de nordestinos que vieram para o estado do Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Compraram um terreno em Itaóca, bairro rural de São Gonçalo e construíram casa por casa. Nesse local tive belos momentos da minha infância e adolescência. Sinto que me traz paz estar no meu lugar de nascença, principalmente porque o contato com a natureza é constante, se tratando de um bairro rural e com praias. Pra mim era muito bom morar lá e até hoje quando visito, me traz uma sensação de bem-estar.*

---

<sup>1</sup> Lembre-se da regra do itálico!

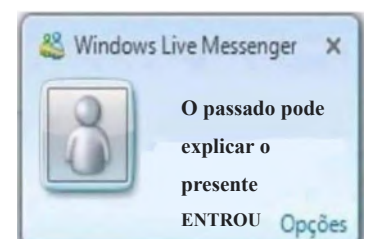
*FOTO 1 - Mini Cibelle, em 1995 na Ilha de Itaóca*



*Fonte: Cristina Pereira de Araújo, 1995.*

*Eu tenho boas memórias da minha infância, com muitas brincadeiras no quintal, na mini piscina que tinha, com as minhas primas e amigas, muita terra, mato e risos. Havia brigas também, eu era uma criança um pouco (talvez muito) controladora. Naquela época eu era filha única, neta única, sobrinha única... Imagine só rs!*

*A dança surgiu na minha vida ainda em Itaóca quando, na Igreja Batista que minha mãe me levava, eu participei de uma apresentação de dança. Lá no meu bairro não havia escola de dança e tão pouco se falava sobre artes no sentido geral, então ali, em um ambiente eclesial cristão, em uma igreja protestante, foi meu primeiro acesso à arte da dança. E depois, através de videoclipes de hip hop e pop, isso foi captando ainda mais minha atenção.*



*Com 8 anos, em 2001, eu me mudei com a minha mãe para o Rio de Janeiro, viemos morar com o meu pai. Eu lembro de ficar triste por conta das minhas amigas, mas feliz porque eu iria morar com meus pais juntos.*



*Ao chegar aqui no Rio foi um choque de mudanças, a escola era nova, a casa e o lugar. Onde antes eu tinha quintal e crianças para brincar, contato com a natureza e liberdade, agora havia sido trocado por casas pequenas, sem amigas ou crianças e um ambiente urbano.*

*Hoje eu reflito que essa mudança drástica foi capaz de me mudar também, pois a partir daí, eu comecei a me sentir culpada por ter pedido a minha mãe para virmos morar com meu pai e, além disso, comecei a sentir muita falta da minha avó e das minhas amigas. Nessa mesma época eu comecei a perceber alguns problemas que meus pais tinham e que o relacionamento deles não era saudável.*

*Aos 10 anos ganhei minha irmã Marcele, meu primeiro grande sonho havia sido realizado, minha companheira da vida! Mas nessa idade também comecei a me sentir um pouco mais afetada pelos problemas dos meus pais e isso me fez ficar muito confusa e a me tornar uma criança mais quieta (introspectiva), pois achava que, se eu expressasse meus sentimentos, pioraria a situação das brigas entre eles .*

*Também comecei a ter muita raiva por tudo que passávamos: a relação do meu pai com a minha mãe, a saudade que eu tinha da minha avó e das minhas amigas. E isso foi combustível e terreno fértil para eu ter um acúmulo de raiva e inconformidade. Assim, comecei a ter muita raiva de Deus e a desacreditar que existisse um Ser Soberano bom.*

*Eu pensava que as palavras ditas como verdadeiras em sermões da Igreja que minha mãe me levava e em conselhos dados à minha mãe eram contraditórias, pois se falava muito em “orar pelo meu pai” ou “orar pelo casamento deles” e minha mãe acabava acreditando que esse era o caminho, esperar meu pai mudar e a relação deles ficar saudável. Mas ao mesmo tempo também se dizia que “Deus não entra de forma grosseira em nossos corações, Ele pede autorização”, então eu pensava: se meu pai não quer, por que orar e continuar no relacionamento? Pra mim o Deus que estavam me apresentando era contraditório e ruim, pois se Ele é soberano e poderia qualquer coisa, por que não me tirar daquela situação?*

*Ainda que a minha mãe tenha se convertido enquanto me gestava e assim que eu nasci tenha me colocado dentro do ambiente eclesial, me levando aos domingos nos cultos, mais precisamente na Primeira Igreja Batista em Itaóca, isso não fazia de mim uma crente.*

*Crente é quem crê em algo ou alguma coisa, cristão é aquele que crê em Jesus Cristo como filho de Deus e pra mim essa crença é pessoal, intransferível e acredito até que seja um processo pessoal, com experiências próprias.*

*Não era porque a minha mãe acreditava que eu acreditaria. Existe uma diferença entre ser convencido de algo e ser convertido. Eu estava na infância sendo convencida de uma teoria, mas depois de certo tempo eu não era convertida a essa teoria e nem acreditava nela. Eu frequentava a Igreja mais por ir a algum lugar do que estar ali de “corpo-alma-espírito”. Além disso, depois de ir morar com o meu pai, como ele não era cristão protestante e chegava a não concordar com algumas regras e crenças da religião, eu tive oportunidade de ter um discurso diferente daquele que era pregado aos domingos para mim.*

*Meu pai crê em algo, mas não necessariamente na mesma coisa que a minha mãe. Ele diz que acredita em Deus da forma dele, não se encaixa em nenhuma religião, acredita que fazer o “bem” é a religião dele. Na verdade, na maioria das vezes meus pais eram antagonistas em tudo. Se um dizia que tal atitude era certa, o outro dizia que era errada; se um dizia que aquilo era o melhor a ser feito, o outro dizia que não. Ou seja, eu estava no meio de uma interseção entre o sim e o não, onde eu precisava construir minha própria verdade, aquilo que faria sentido pra mim.*

*Na pré-adolescência e início da adolescência eu frequentava a Igreja ainda como ir a algum lugar e comecei a participar de grupos de dança. Eu gostava daquilo e me identificava com a dança, mas ainda não me fazia ser cristã, acreditar em Jesus e etc. Esses grupos de dança na Igreja que estávamos congregando aqui na cidade do Rio de Janeiro, a Metodista do Jardim América, eram grupos criados para um fim específico, como eventos na igreja ou intercâmbios entre igrejas (quando uma igreja visita a outra).*



*Em 2008, com 14 anos, fui oficializada como integrante do Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan) da Igreja Metodista de Jardim América. O Ministério significa servir e também é como se subdividem os departamentos dentro da instituição religiosa metodista e na maioria das igrejas evangélicas. Então, cada setor é chamado de ministério, porém, através de interpretações bíblicas vemos o ministério como serviço, trabalho e etc.*

*FOTO 2 - Natal de 2008*



*Fonte: arquivo de fotos do Ministério de Dança Geração de Daniel, 2008.*

*Logo, cada ministério é responsável pelo setor que corresponde. Por exemplo: o ministério de louvor era responsável por todas as músicas tocadas nos cultos e em programações da Igreja, tudo relacionado a música era de responsabilidade desse ministério, já o ministério infantil, era responsável pelos cultos infantis, pela escola dominical das crianças e tudo que fosse relacionado às crianças na Igreja.*

*O ministério de dança era responsável pelas apresentações artísticas de dança e seu objetivo era levar o público, através dos movimentos e apresentações, a uma conexão com o Sagrado. Além disso, esse ministério também era imbuído de levar tanto suas dançarinas como seu público a um tratamento espiritual, mas eu percebia que para mim essa divisão não se aplicava, meu tratamento se dava no meu corpo e meu corpo não era dividido entre: espiritual, físico e mental.*

*Naquela época eu sentia que meu tratamento ia além do ambiente eclesiástico, pois eu havia mudado a forma de lidar com as pessoas, a forma de falar com meus pais, então, não estava só em um âmbito.*

*No Ministério de Dança víamos tratamento como cura, mas não a cura medicinal que conhecemos. Então, a dança servia como uma possibilidade de cura, pois todas as integrantes tinham demandas emocionais a serem tratadas e a dança nos fez sentir que essas demandas iam amenizando ao dançarmos.*

*O ministério de dança funcionava com encontros regulares, de duas a três vezes por semana, para ensaios de coreografias, momentos de estudo da bíblia e, o mais interessante pra mim, os momentos de partilha pessoal, onde contávamos nossas angústias, medos, felicidades e etc. Era como um grupo de ajuda terapêutica.*

*A dança era tratada de duas formas principais: a parte prática/técnica e a parte espiritual. Na parte prática, havia momentos para alongamentos e criação de movimentos para a coreografia principal que seria apresentada em algum evento específico da Igreja ou em um Culto festivo/temático (ex. Natal). Já o momento voltado para o espiritual de cada integrante, era através de estudos cristãos, orações e partilha de momentos que se correlacionaram com aquilo que estava sendo proposto. Por exemplo: se em um ensaio de estudo trazia-se a temática de obediência, refletimos se éramos obedientes, quais eram nossas dificuldades e facilidades com essa temática, o que acreditávamos ser obediência, quais momentos nos lembramos disso e etc.*

*Essas temáticas eram propostas tanto pelas líderes do ministério, quanto por alguma integrante que fosse incumbida de levar um estudo. Normalmente eram levados temas que tivessem como base teórica uma passagem bíblica, que fosse atual e que tivessem uma demanda. Demanda essa que poderia ser uma data (aniversário da Igreja, Natal, Páscoa e etc), uma situação que alguém poderia estar vivenciando e que precisasse de um acalento ou uma demanda coletiva, se observássemos na Igreja, na membresia, alguma necessidade.*

*Com o passar dos anos, fomos trazendo esse momento teórico para o prático também, pensando em como aquela temática poderia nos estimular e quais movimentos surgiriam.*

*Mas percebemos que de certa forma, havia um lugar que não nos deixava expandir na questão de movimentos.*

*Nessa época eu ainda não acreditava nas letras das músicas que dançávamos. No ambiente eclesial só se deve ouvir e/ou dançar músicas gospel ou cristã, pois acredita-se que aquilo que não é cristão é profano, perigoso e proibido, então, o ministério de dança só poderia se utilizar de músicas cristãs evangélicas. Eu apenas gostava de estar ali dançando. Eu ainda tinha raiva de Deus e não entendia o porquê de muitas coisas ruins terem acontecido comigo. Também gostava de ouvir outros estilos musicais, debater sobre assuntos e não concordava com algumas regras, como essas divisões do que seria sagrado e profano.*

*Na Páscoa de 2009 eu fui a um encontro chamado “Juvenilha”, que era realizado todos os anos e tinha como público-alvo adolescentes de 12 até 18 anos. O objetivo era proporcionar a essas adolescentes, além de intercâmbios com outras (pois eram todas as igrejas do estado do RJ), experiências espirituais com Deus, através de louvores, pregações, orações, e alguns tipos de apresentações teatrais.*

*Esse evento aconteceu em Teresópolis, na Escola de Missões Metodista, que eu já havia ido pelo menos em dois anos anteriores. Porém, nesse ano de 2009 tive uma experiência pessoal diferente: dessa vez eu parei de duvidar e pensar “ah que saco, para que eu vim se não acredito em nada disso?” e pensei “se for verdade que existe um Deus e que Ele é bom, me mostra. Mas não quero que mostre de forma escandalosa, não gosto disso, quero que seja de uma forma suave.” Hoje vejo que isso foi considerado uma oração e que ali eu estava sendo sincera e permitindo que Deus “entrasse” no meu coração. Naquele momento eu estava muito cansada de me sentir vazia e de querer morrer.*

*Foi então que cenas do filme “A paixão de Cristo” começaram a aparecer em um telão e paralelamente a isso, os pastores explicaram que Jesus havia feito aquilo, passado por aquilo pela gente, por todas que estavam ali, que éramos especiais para Deus, que Ele era bom e não nos queria triste. Eram coisas que faziam sentido pra mim, para aquele momento que eu estava. Até que começou a tocar a música que apresentamos no Natal de 2008 como ministério de dança.*

*Ali pra mim, foi algo especial, como se fosse um sinal, de que aquela forma de comunicação me contemplava. Eu lembro de chorar muito e era como se eu estivesse me limpando de muitas sensações ruins e sentimentos também. Considero essa experiência como o dia da minha conversão no Cristianismo Protestante. A partir desse momento, comecei a fazer parte da Igreja Metodista em Jardim América porque eu queria estar lá, viver as experiências que havia lá e a dança se tornou o meu “chamado”, não ia mais a igreja porque queria agradar a minha mãe ou porque achava legal a dança.*

*“Chamado” seria a forma pela qual você seria convidada a servir o Reino de Deus aqui na Terra, ou seja, a Igreja. Ministério é servir, mas acredito que antes da minha experiência pessoal eu não servia, eu reproduzia, eu não queria dar a ninguém nada. Já após minha conversão, eu queria transmitir através da dança aquilo que eu sentia. Aqui a dança teve outro significado para mim, ela era meu veículo de me comunicar com Deus e tratar das minhas demandas psicológicas. Eu percebia que eu tinha a necessidade de ser tratada em diversas vertentes da minha vida, como: a minha relação com meu pai, os meus medos e traumas, o relacionamento dos meus pais, minhas feridas causadas por diversos motivos ao longo da vida e uma tristeza que havia me acompanhado por alguns anos.*

*Confesso que ao longo do tempo eu pensei algumas vezes que a dança na Igreja onde eu congregava era vista por alguns membros como um ornamento no culto durante sua liturgia (sequência de ações dentro do culto).*

*A dança foi inserida na liturgia tanto nos cultos dentro da Igreja como em cultos de cunho evangelístico (forma de apresentar Deus às pessoas) nas ruas (cultos abertos, em ambientes externos). Mas às vezes eu sentia que éramos como um cordão no pescoço de uma pessoa: fazia do conjunto mais bonito, mas não era essencial. Para mim a dança era essencial, pois fazia parte de um momento muito íntimo e, mostrar para outras pessoas esse momento, me criava expectativas, não necessariamente daquela pessoa se converter, mas de se sentir conectada a algo bom.*

*Então, comecei a me questionar do por que a dança era entendida como um ornamento. Será que tinha a ver com a questão de atrair pessoas e possivelmente convertê-las? Será que fazia parte do processo, já que por muitos anos, ainda que eu não*

*soubesse o por quê, a dança não era permitida no meio cristão? Ou será que eram “coisas da minha cabeça”?*

*Eu tinha a sensação que para algumas pessoas, como a dança não tinha sido necessária por anos e, mais que isso, havia sido proibida, por que agora ela seria reconhecida como algo necessário? Normalmente percebia que isso ocorria com pessoas de outras gerações, que haviam crescido em um ambiente eclesial diferente, sem a dança e sem alguns tipos de instrumentos musicais, como a bateria. Essas pessoas até achavam as apresentações de dança bonitas, às vezes até compartilhavam conosco que haviam sentido algo especial e que as conectava a Deus através de alguma apresentação, mas a minha sensação é que era “só” isso que elas sentiam e que se não houvesse a dança, tudo bem.*

*Mas ao deixar de lado o pensamento do que as pessoas achavam e focar no que eu sentia, percebi que eu estava sendo curada através das músicas, mas principalmente pelos movimentos que realizava. Acho que foi a minha forma de gritar, chorar, pôr pra fora, ainda que em silêncio e só lágrimas escorrendo. Na verdade, meu tratamento se deu através do que possa chamar de “vômitos dançados”, momentos que eu colocava pra fora tudo aquilo que era inibido em mim: minha raiva, minhas angústias, alegrias e ânsia de conhecer mais o Ser que me deu razões de continuar vivendo a vida de uma forma leve.*

*Acho que mais ou menos em 2010 ou 2011 tive o primeiro contato com o termo “dança espontânea” e foi engraçado, pois na época nosso ministério era conduzido por duas líderes mais velhas que a gente. Elas haviam realizado um curso de dança na Escola de Missões Metodista em Teresópolis e tiveram acesso a esse “tipo” de dança lá. Quando chegaram e trouxeram essa novidade pra gente, nós não entendemos muito bem. Eu não sei se foram elas que não souberam explicar, porque parecia que era novidade pra elas também, ou se eu que não fui muito flexível às novidades e achei um tanto absurda a proposta (rsrsrs). Nesse primeiro contato elas nos explicaram que a dança espontânea aconteceria no mesmo momento que o louvor durante a liturgia do culto e que iríamos dançar livremente, sem ensaios ou sequências pré estabelecidas. Poderíamos experimentar, pois seria mais uma forma de nos expressar à Deus. Nós perguntamos como dançaríamos sem ensaio ou sem ao menos saber de qual música se tratava e elas disseram que seria o que Deus nos conduzisse.*

*E embora inicialmente eu tenha tido aversão a ideia de me permitir experimentar a dança espontânea, hoje percebo a proximidade dela ao que realmente foi a dança lá no início, com os ancestrais da religião. Coleman (1991) descreve como os israelitas se expressavam: “Muitas vezes os seus gritos de angústia eram tão ruidosos como os gritos de alegria e ações de graça” (apud TORRES, 2007, p.40) e isso me faz pensar no porque a dança havia sido banida, se nossos ancestrais no cristinismo se expressavam a Deus através de dança e que talvez essa dança espontânea não fosse tão absurda assim.*

*A partir daquele momento e até hoje só ouvi falar nesse tipo de composição em dança dessa forma: dança espontânea, dentro dos ambientes de igrejas evangélicas que frequentei ou tive contato.*

*Eu experimentei a dança espontânea pouco tempo depois e acabei gostando bastante, pois podia me sentir realmente mais livre, livre dos padrões ou das responsabilidades de transmitir necessariamente uma mensagem, livre de ter que memorizar movimentos e apresentá-los, livre de pensar “o que os outros estão achando?”. Era um momento que eu me permitia ser tratada, de forma mais profunda, onde eu realmente me sentia colocando para fora meus sentimentos ruins e os compartilhando com o Sagrado. Podia sentir que eu ficava mais leve e alegre.*

*Em 2014 iniciei o meu curso de dança na Escola de Missões Metodista em Teresópolis. Um final de semana por mês eu ia para lá e estudávamos sobre um tema. A professora principal desse curso era a Wanderleya Oliveira, proprietária do Espaço Gênesis de Artes (EGA) em Petrópolis - RJ e na época era também líder no ministério de dança Gênesis da Catedral Metodista desta cidade.*

*A Wandy, como a chamamos, era dançarina profissional, trabalhava em companhia de dança e se converteu nesse ínterim. Viu sua vida mudar e sua dança mudar também. Assim, após alguns anos, ela ministrava esse curso trazendo relações entre o que ela vivenciou durante os primeiros anos da dança eclesial, autores, bíblia e as perspectivas dela, que haviam dado certo no ministério em que atuava como líder. Ao longo das aulas ela apresentava também algumas regras específicas da dança em ambientes eclesiais*



*protestantes, como figurinos, significado das cores, objetos, o que significava ser um dançarino cristão e dentre várias outras coisas.*

*A partir dos módulos desse curso comecei a sentir vontade de estudar mais a respeito da dança, conhecer a história, as possibilidades, me aprimorar e foi assim que decidi fazer balé quando terminasse o curso, experimentar uma possibilidade dentro da dança.*

*Quando eu comecei o balé eu me apaixonei pela forma que a professora lecionava e foi ali que meu plano de fugir da dança, por questões de dúvidas financeiras, deu completamente errado. A professora me explicou que a graduação em dança, pelo que ela ouvia falar, não eram modalidades de dança, mas um estudo mais contemporâneo da dança. Então decidi ler a grade curricular e achei interessantes as temáticas das disciplinas.*

*Para fazer o vestibular para bacharelado em dança precisava realizar o Teste de Habilidades Específicas (THE), como comentei já no início deste texto, que consistia em uma prova dividida em 3 partes: 1- improvisação, 2- memorização de sequência e 3- realização de um solo. Comecei a ensaiar o meu solo com a professora que praticava balé e ela também me deu algumas dicas para a improvisação que me lembrou a dança espontânea.*

*Em novembro de 2016 realizei o teste, em meio a muito nervosismo. Achei que tinha ido mal na memorização, mas razoável na improvisação (me utilizei bastante do que havia praticado na dança espontânea) e no solo, que esqueci parte, mas fiz um improviso (ou espontâneo) também.*

*Passei! E nem acreditava muito quando tive o resultado em mãos! Comecei e ao longo dos semestres pude descobrir que o curso de bacharelado tem muitas coisas que eu imaginava e outras que não fazia a menor ideia! Uma das coisas que percebi foi que eu tinha vergonha por não ter uma técnica específica desde criança como a maioria das alunas e além disso, percebi que algumas alunas e professoras tinham algumas questões com relação a dança eclesiástica, que me parecia um sentimento de não aceitação. Por tempo fiquei confusa quanto a isso.*

*Quais seriam as razões para as críticas que eu ouvia nas falas, tanto de algumas professoras quanto de algumas alunas? Aos poucos percebi que eram críticas a respeito da*

*Igreja e de como ela havia feito mal a dança. Assim, eu comecei a estudar um pouco sobre a história das artes, da dança e fui percebendo que a Igreja tinha também seus problemas, erros e domínios. Além disso, a ideia da separação entre sagrado e profano, mente e corpo, contribuiu de forma significativa para que a dança fosse tratada como algo profano, vulgar, pecaminoso e, a partir disso, compreendi o porquê das pessoas mais “antigas” da Igreja ficarem desconfiadas com a dança. Hoje percebo que a história da Instituição Igreja, bem como seus próprios pré-conceitos e delimitação de sagrado e profano, contribuíram muito para a opinião das pessoas que não são cristãs.*

*Esse processo dificultou meu início na faculdade, pois além da vergonha de não ter a técnica, comecei a me sentir deslocada, pois minhas origens eram de certa forma, “mal vistas” por algumas pessoas. Eu lembro que na disciplina de Técnica Geral, se formava uma roda de improviso, onde as alunas deveriam entrar ao som de uma música e improvisar. Eu nunca queria entrar, até o dia que eu precisei entrar. Foi bacana para mim, mas o que eu fiz? Eu dancei a dança espontânea, porque até então eu não tinha tido contato com “vamos aprender a fazer isso?” ou “esses devem ser os movimentos que vocês utilizarão”, então utilizei daquilo que eu tinha.*



*Neste início da graduação, eu percebi uma forte influência da dança espontânea em mim, pois na maioria das avaliações eu me apropriava do que havia aprendido dessa forma de composição em dança, até mesmo quando eram solicitadas sequências coreografadas. Eu me sentia muito bem improvisando (ou dançando o espontâneo?), ao contrário de quando eu precisava ensaiar alguma dança pré definida.*

*Lembro-me de certa vez, que realizei uma avaliação para a disciplina de Laboratório e sua proposta era que deveríamos montar uma sequência coreografada. Eu a apresentei em dupla, com uma amiga que também lida com a dança espontânea na igreja que congrega. Em um determinado momento da apresentação do trabalho, nós duas esquecemos a sequência,*

*mas conseguimos continuar de forma espontânea (ou improvisada?). Assim, quando tive a disciplina de Roteiros e Improvisações, percebi que o que eu havia feito com ela, poderia ser em parte um improviso com acordos prévios com roteiros, conforme define Mara Guerrero “O termo roteiro aqui é adotado como regras prévias, relativas a condições e possibilidades de ocorrência da improvisação”. (GUERRERO, 2008, p. 04)*

*Realizei a disciplina de Roteiros e Improvisações no Período Letivo Excepcional (PLE), estabelecido pela Universidade em questão no período de crise sanitária decorrente da pandemia do Covid-19, quando as atividades presenciais foram suspensas, abrindo a possibilidade do ensino se realizar de forma remota, com aulas síncronas e assíncronas. Esta disciplina contribuiu significativamente para eu decidir o meu objeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois me trouxe outra perspectiva do improviso e me fez pensar: a dança espontânea é um improviso ou um tipo de improviso? Então, percebi que meu estudo seria a interseção entre tudo que vivi na dança espontânea e também com o que vivi dentro da faculdade, tanto com minhas memórias, quanto com as memórias de outras pessoas.*



**PRIMEIRA JANELA - Vamos tentar iniciar depois do começo: o passado pode explicar o presente.**

Para evitar generalizações e restringir os aspectos que permeiam a história da religião, decidi trabalhar apenas com uma obra, que tem 3 autores, através dela então, trago questões para nortear meu estudo, mas ciente de que existem outras perspectivas e outras pesquisas.

Diversas vezes me perguntava como teriam surgido as religiões, inclusive a que eu e parte da minha família pertencemos e imaginava os processos históricos e políticos que ocorreram até chegarmos na concepção que temos hoje das religiões. Além disso, tento estabelecer um pensamento crítico e acredito que as religiões podem tanto desempenhar papéis positivos na vida de suas adeptas, quanto negativos.

Para Gaarder, Hellern e Notaker (2000) umas das explicações de como se originaram as religiões é através do animismo:

Uma das explicações é que o homem logo começou a ver as coisas ao seu redor como animadas. Ele acreditava que os animais, as plantas, os rios, as montanhas, o sol, a lua e as estrelas continham espíritos, os quais era fundamental apaziguar. O antropólogo E. B. Tylor batizou essa crença de animismo. (GAARDER et al., 2000, p. 15).

Mas essa teoria do animismo foi rejeitada, havendo uma opinião geral que ela não representaria de forma fidedigna e adequada a religião dos povos tribais (GAARDER et al., 2000). Sendo assim, surgem outros modelos e teorias a respeito da origem das religiões. Um desses modelos é o reducionista, que segundo Gaarder et al.:

Alguns pesquisadores vêem a religião como um produto de fatores sociais e psicológicos. Essa explicação é conhecida como um modelo reducionista, pois reduz a religião a apenas um elemento das condições sociais ou da vida espiritual do homem. Karl Marx, por exemplo, sustentava que a religião, assim como a arte, a filosofia, as idéias e a moral, não passavam de um dossel por cima da base, que é econômica. (Gaarder et al., 2000, p. 15).

Isso me trouxe a seguinte indagação: mas, afinal o que é a religião? E percebi uma resposta que me satisfez através de Helmuth von Glasenapp (1951 apud GAARDER et al., 2000, p. 20) quando ele define a religião da seguinte forma: “A religião é a convicção de que

existem poderes transcendentos, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressa por insight, pensamento, sentimento, intenção e ação”. Sendo assim, reflito como se deu esse processo de convicção na minha vida e de que forma ele contribuiu em diversas áreas, inclusive na dança. Para Gaarder et al. (2000):

Nas modernas ciências da religião predomina a ideia de que a religião é um elemento independente, ligado ao elemento social e ao elemento psicológico, mas que tem sua própria estrutura, os ramos mais importantes das ciências da religião são a sociologia da religião, a psicologia da religião, a filosofia da religião e a fenomenologia da religião. (GAARDER et al., 2000, p. 18).

Refleti que essa ideia de religião das ciências modernas é o que mais se assemelha com o que acredito, pois para mim, assim como pontuei anteriormente, a religião que um determinado povo tem está inteiramente ligada a outros elementos, como sua cultura, seus ancestrais, sua história e a história do seu lugar.

Outro conceito de religião que é plausível nesse estudo é de que ela constitui uma relação entre o ser-humano e o que ele considera seu Deus. Essa relação pode ter uma dependência da parte do ser-humano e é vivida através de tudo que permeia uma relação como concebemos: emoções, sentimentos, crenças, culto etc (GAARDER, 2000).

Minhas andanças por ambientes eclesiais se deram através da minha participação na religião Cristã Protestante Tradicional, primeiro na Primeira Igreja Batista de Itaóca, em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro. Posteriormente, passei a praticar o Metodismo (ainda parte da mesma religião), na Igreja Metodista de Jardim América no Rio de Janeiro, e isso me trouxe perguntas e afetamentos específicos.

Certa vez li uma frase que me chamou atenção: “Como religião, o Islã não compreende apenas a esfera espiritual, mas todos os aspectos da vida humana e social” (GAARDER, 2000, p. 127). E isso me fez refletir que de acordo com a religião que a pessoa possui, ela influenciará nos caminhos que ela percorrerá ao longo da sua vida, sendo abrangente em todas as áreas e não somente em uma. E assim, aconteceu comigo, ao entrar na graduação em Dança percebi que meu caminho com a dança dentro das igrejas que congreguei, contribuíram no meu trajeto acadêmico, através dos estudos que realizei na

Escola de Missões Metodista, com o acesso à dança e principalmente com a dança espontânea.

Os ambientes eclesiásticos que eu frequentei contribuíram de maneira significativa tanto para eu compreender a dança como uma área de conhecimento quanto para experimentá-la em meu corpo, me auxiliando em processos sentimentais diversos. E quando falo de ambientes eclesiásticos me refiro às igrejas que participei, como templos físicos e também como um ambiente complexo, que tem pessoas diversas, buscando experiências com o Sagrado, tendo opiniões diferentes e tentando entender as regras.

Sendo assim, pude observar nas minhas experiências que o ambiente eclesiástico é um lugar físico, que pode ser a igreja e seus eventos, mas que também extrapola essas paredes físicas através da religião, que não está somente no campo físico do templo, mas na vida em um contexto global de seus seguidores, como aponta Gaarder (2000):

A religião nunca é vinculada apenas ao intelecto. Ela envolve igualmente as emoções, que são tão essenciais na vida humana quanto o intelecto e a capacidade de pensar. A música, o canto e a dança apelam para as emoções. Na maioria das religiões, as pessoas extravasam a tristeza ou alegria pela música instrumental e pelo canto; em algumas, também pela dança, que é um meio bastante antigo de expressão religiosa. (GAARDER, 2000, p. 37).

Ressalto ainda a importância de se relatar um breve panorama do cristianismo no Brasil, que chegou como parte integrante do nosso processo de colonização européia. Antes existiam outras religiões e formas de olhar o sagrado, através de nossos povos indígenas, povos originários e isso é uma parte muito importante da nossa história.

Essa parte da história é difícil de se encontrar durante e depois da colonização, houveram estratégias, onde houveram: o apagamento de memórias, saberes, crenças dos povos originários, para se deter mais poderes sob o povo colonizado. De forma brutal, transformam o verdadeiro dono da terra em escravos e através de abusos graves, tortura, geram um verdadeiro genocídio de tudo.

E assim, “surge” o cristianismo: através da invasão e colonização das terras brasileiras pelos europeus, através do catolicismo, que trazia consigo a crença de que, segundo Gaarder

et al., o cristianismo era “a única religião verdadeira, ao passo que todas as outras não passam de ilusão, ou, na melhor das hipóteses, são incompletas.” (GAARDER et al., 2000, p. 16).

Baseados nessa crença, os colonizadores exterminaram boa parte de tudo que se diferenciava da religião deles, o cristianismo católico. E nosso povo, nossos ancestrais, suas concepções, suas crenças, foram sendo, exterminadas e para além disso, suas crenças foram tratadas como profanas, pecaminosas, erradas.

A maneira que o Catolicismo lidava com algumas questões tanto no âmbito religioso, quanto social-político, levou um grupo de dentro da própria religião a se levantar e criar um novo caminho, originando um novo segmento, que detalharei a seguir.

### **Religião Cristã Protestante Tradicional**

Depois que refleti sobre uma, das possíveis origens das religiões e o ambiente eclesiástico, prossegui para uma ramificação do cristianismo específica: cristianismo protestante tradicional e diante disso, trago o que GAARDER (2000) diz, por acreditar ser relevante:

O cristianismo é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental. Há 2 mil anos permeia a história, a literatura, a filosofia, a arte e a arquitetura da Europa. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos. (GAARDER, 2000, p. 147).

O Cristianismo Protestante surge durante a Reforma Protestante, no século XVI, quando alguns homens começam a questionar e a não concordar com alguns dogmas e práticas da Igreja Católica (GAARDER, 2000).

E embora o cristianismo protestante tenha surgido do ato de questionar, percebo que esse ato é reprimido pela própria Igreja durante os anos, talvez essa seja uma forma de controle.

Dentro da religião cristã protestante tradicional surgem diversas denominações, como os metodistas e batistas. O que difere uma denominação de outra são algumas formas de interpretação da bíblia. Segundo Gaarder, “essa multiplicidade de formas surge, em parte, de divisões distintas a respeito de alguns aspectos da mensagem da bíblia e, em partes das

condições históricas e culturais nas quais elas foram constituídas” (GAARDER, 2000, p. 193). A bíblia inclusive é o livro que os cristãos utilizam e consideram como um livro sagrado, contendo a própria palavra de Deus.

Entre os batistas e metodistas, por exemplo, uma das diferenças é o batismo. Para os batistas tradicionais, o batismo deve ser realizado por imersão e quando a pessoa tiver idade suficiente para decidir ela mesma que quer se batizar. Já no metodismo o batismo pode ocorrer também por aspersão, além de efetuarem batismo em crianças, não há idade mínima.

O Cristianismo Protestante Tradicional passou por diversas fases e por diversos “modelos” ao longo dos anos, desde de sua Reforma até atualmente. Há diversas denominações espalhadas pelo Brasil e diversas formas de enxergar algumas passagens bíblicas, porém, desde a reforma, há dogmas que permanecem como pilares.

Segundo o Dicionário Online de Português: Dogma é o ponto fundamental ou mais importante de uma doutrina religiosa que se apresenta como algo indiscutível e inquestionável. Sendo assim, seriam verdades absolutas. Alguns dos dogmas do Cristianismo Protestante Tradicional desde da reforma são: a salvação pela fé e graça de Deus somente por intermédio de Jesus Cristo, a escritura sagrada (bíblia) como única fonte de fé e palavra de Deus, e a glória é somente de Deus. Contrapondo alguns dogmas do Catolicismo e iniciando uma nova jornada.

Assim, a partir da crença que esses dogmas eram verdadeiros e professavam a vontade de Deus, algumas ações foram se tornando regras dentro do meio cristão protestante, como por exemplo a separação do sagrado do profano. Logo, de alguma forma, os cristãos protestantes deveriam se separar do mundo, serem diferentes dos demais.

Schallenberger (2013) traz a definição de profano e diz que:

O termo profano deriva do latim “profanu” e refere-se , segundo o, ao “que não é sagrado ou devotado a fins sagrados; estranho à religião; que não trata de religião”; ou ainda, “que não respeita as coisas sagradas”. Cabe aqui também salientar o termo “profanação”, do latim “profanatione”, que designa “ação irreverente contra pessoas, lugares ou coisas sagradas (igrejas, objetos de culto, sepulcros etc.)”; e o “uso desrespeitoso das coisas dignas de consideração” [...] (SCHALLENBERGER, 2013, p. 15).



Essa separação e todas essas questões, dogmas, crenças, regras e hábitos trouxeram diversas questões no mundo, sendo cristão ou não, pois o Cristianismo não está somente no âmbito religioso, como já foi discutido anteriormente. Nesse estudo trataremos especificamente da dança nesse ambiente e como ele interferiu em sua história tanto dentro do cristianismo, como num contexto geral e também na minha vida. Para isso acredito ser importante trazer um pouco sobre o trajeto da dança dessa religião.

### **A dança no cristianismo e seu banimento**

A dança no cristianismo protestante passou por diversas fases e saber cada uma delas nos faz compreender melhor a dança em ambientes eclesiásticos atualmente. Para mim, primeiro posso citar algumas passagens explícitas sobre a dança dentro da Bíblia no Antigo Testamento, que contém a história do povo hebreu. O próprio rei Davi dançou, como é visto em: “Davi e todos os israelitas iam cantando e dançando perante o Senhor, ao som de todo o tipo de instrumentos de pinho, harpas, liras, tamborins, chocalhos e címbalos” (BÍBLIA, II Samuel, 6, 5) e em “Então, Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças” (BÍBLIA, Êxodo, 15, 20).

Desta forma, fica clara a presença da dança, tanto realizada por homens quanto por mulheres e, para além disso, a própria criação do mundo, segundo a perspectiva cristã, na bíblia traz que na criação do mundo houve movimento: “A terra era sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (BÍBLIA, Gênesis, 1, 2).

Para Torres (2007) a dança era uma expressão de louvor e adoração a Deus, uma manifestação de alegria em festas, conquistas e até mesmo como um símbolo cultural do povo judeu em seus ritos:

Na medida em que novas gerações vão surgindo, as festas judaicas vão mantendo sua cultura, suas tradições e crenças, revivendo a história à medida que celebram suas festas. Sendo um povo por natureza festivo, os israelitas apreciavam música ritmada e não ficavam parados para ouvi-las. Gostavam de expressar livremente suas emoções, tanto as alegrias quanto as tristezas, através das danças e o faziam nas suas festas. (TORRES, 2007 p. 39).

Diante dessas passagens me vi com duas indagações pertinentes: a primeira era “esse tipo de dança que é retratada na história do povo judeu e em suas festividades culturais, são improvisos? São danças espontâneas?” e a segunda indagação foi “por que cargas d’água a dança posteriormente será banida do cristianismo por um período de tempo se ela estava presente em diversas situações na história?”.

Para Torres (2007) se a dança é presente na cultura de forma tão explícita, “[...] a ausência da dança vivida pelo mundo cristão protestante não aconteceu por uma herança hebraica, uma vez que, nesta cultura, a dança se mostrava como parte integrante de sua religião [...]” (TORRES, 2007, p. 45).

Se o processo que culminou no banimento da dança em cultos cristãos não se originou no “berço” do cristianismo que foi o povo judeu, é provável que tenha ocorrido através de outra forte influência: a cultura grega, que é inserida no meio do povo judeu a partir da dominação de Israel pelo exército de Alexandre Magno. Diante dessa dominação, o inevitável aconteceu: os judeus começaram a absorver os hábitos e costumes dos gregos, influenciando diretamente sua cultura (TORRES, 2007).

Outra importante influência, que provavelmente também auxiliou no processo de banimento, foram os pensamentos de filósofos gregos, como Aristóteles, Platão e Heráclito, pois:

No pensamento destes filósofos e de vários outros, percebe-se a dualidade corpo e alma do ser humano, alguns direcionando o corpo como algo pecaminoso e terreno, outros como lugar possível de manifestação do Sagrado. Tal dualismo pode ter gerado controvérsias entre os cristãos no que diz respeito às expressões corporais. (TORRES, 2007, p. 57).

Assim, inicia-se no cristianismo uma ruptura com as danças de qualquer origem e de forma geral a dança se torna um ato profano, principalmente quando sua origem ou “propósito” não é adorar a Deus, Conceição Vianna de Fátima (2001) aborda em seu estudo que:

Os pensadores medievais mantiveram a tradicional ideia de que a verdadeira essência do ser humano está na alma, mesmo que o pensamento cristão defendesse a dignidade do corpo enquanto criação de Deus. A carne estava associada ao pecado, e

se costumava castigá-la para sua purificação. O trabalho corporal, apesar de dignificado, era relegado aos escravos e aos mais pobres. (FÁTIMA, 2001, p. 14).

Assim, a dança está no corpo carnal e não no espiritual, trazendo uma hierarquia e separação entre o corpo concebido como físico e o espiritual (alma). Quando surge o cristianismo protestante, ele absorve do Catolicismo esse banimento das danças tanto dentro do culto quanto fora do templo, na vida cotidiana dos seguidores, além dessa visão do corpo carnal como apenas templo do corpo que é importante: o espiritual.

Torres (2007) aborda que tanto a Reforma Protestante como o Concílio de Trento são o ponto de partida de uma evangelização dos cristãos, diante disso a separação entre o sagrado e o profano ganha maior notoriedade e continua dizendo que:

As autoridades religiosas tomam medidas contra as festas folclóricas, que passam a ser realizadas secretamente, sem a participação do clero. É possível que neste momento a dança tenha sido totalmente abolida do ambiente eclesiástico cristão. (TORRES, 2007, p. 70).

Logo, a dança passa a não ser mais praticada pelos cristãos, nem em ambientes eclesiásticos e nem culturais.

### **A volta da dança no cristianismo**

A primeira vez que tive contato com a dança em ambientes eclesiásticos foi ao final da década de 90 e segundo Torres (2007) a dança é inserida no ambiente do culto cristão protestante, bem como eventos da igreja, nessa mesma década. A autora ainda discorre que não há indícios da dança no protestantismo, quando o mesmo se instaura no Brasil, mas que “o quadro parece começar a mudar quando em 1960, as igrejas protestantes passam por uma renovação em sua liturgia” (TORRES, 2007, p. 71).

Essa mudança ocorre através da música, quando instrumentos que antes não faziam parte do contexto musical cristão surgem e incorporam novos ritmos. Isso pode ter ocasionado durante o louvor, alguns gestos de dança e até mesmo pequenas coreografias, abrindo caminho para a dança no culto cristão posteriormente.

A dança antes tida como algo pecaminoso e fora do contexto protestante tem sido canal de celebração para os cristãos evangélicos. Este movimento que tem

acontecido nos últimos 15 anos, envolvendo igrejas neopentecostais, pentecostais, tradicionais e históricas, iniciou no Brasil no momento em que alguns bailarinos brasileiros que dançavam na festa dos Tabernáculos em Israel, pela Embaixada Cristã em Jerusalém, começaram a difundir pelo país a dança no culto. Vários grupos de dança, que já atuavam em igrejas evangélicas dançando, porém, como forma de apresentação para ilustrar pregações ou mesmo proclamar o evangelho, tiveram a oportunidade de se apropriar da dança não somente como apresentação, mas como parte do culto a Deus. (TORRES, 2007, p. 33).

Garaudy (1980) traz uma abordagem muito assertiva e uma crítica minuciosa sobre o declínio da dança litúrgica:

Depois de vinte séculos de desprezo do corpo por um cristianismo pervertido pelo dualismo platônico, o retorno do que foi a dança para todos os povos, em todos os tempos: a expressão, através de movimentos do corpo organizados em seqüências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica. (GARAUDY, 1980, p.13).

Quando o autor traz essa crítica, eu reflito que o retorno da dança em ambientes eclesiais cristão protestantes foi uma resposta à pergunta já feita de “por que cargas d'água a dança foi banida?”, pois vemos que houve um equívoco, mostrando que decisões tomadas em esferas religiosas podem ser erradas e tomadas por perspectivas diferentes da própria bíblia.

Para mim, a dança não foi banida segundo a bíblia ou segundo o que Deus mandou, mas sim, segundo interpretações humanas, manipulações nos contextos culturais e sociais. Observo, assim, que alguns perigos da religião cristã são as decisões tomadas por homens que tornam-se uma regra, uma verdade absoluta.

O retorno da dança em ambientes eclesiais veio com muitas dúvidas tanto para quem estava à frente das igrejas, quanto para a membresia e também para quem desejasse praticá-la dentro do meio eclesial.

## **SEGUNDA JANELA - Dança em ambientes eclesiásticos protestantes e algumas possíveis definições.**

A dança passou por diversas fases dentro do ambiente eclesiástico cristão protestante tradicional. Atualmente é vista por algumas igrejas como uma forma de expressão durante o culto a Deus e também, um tipo de adoração a Ele, bem como um instrumento a serviço do reino Dele. Observo que essa dança pode ser denominada de várias formas, pois tive contato com algumas nomenclaturas como: dança sagrada, dança litúrgica, dança ministerial, dança eclesiástica e dança sacra. Além disso, a dança em ambiente eclesiástico protestante detém características singulares durante sua composição, que veremos mais adiante.

Confesso que acho difícil conceitualizar a dança em ambientes religiosos, pois essas danças exprimem muito além desse próprio ambiente ou melhor, elas dialogam com outros locais, sejam esses lugares palpáveis ou não. Mas para meu estudo é necessário essa definição e primeiro compartilho do que Maurice Béjart escreveu sobre dança quando prefaciou o livro *Dançar a vida de Garaudy*: “A dança é união. União do homem com seu próximo. União do indivíduo com a realidade cósmica. A dança é um rito: ritual sagrado, ritual social” (BÉJART, 1980, p. 08).

Essa definição me faz considerar que a dança em ambientes eclesiásticos é um complexo de itens e ao mesmo tempo, para mim, um momento de expressão. A dança nesses ambientes me afetou positivamente, pois eu tinha uma necessidade de vomitar sentimentos ruins e a dança espontânea me proporcionou isso.

Como dito anteriormente, o cristianismo possui uma divisão, entre o que é considerado sagrado e do que é profano, e para que eu pudesse compreender o que era a dança espontânea, precisei analisar primeiro a divisão dentro da própria dança. Para isso, trago o que Maurice Béjart (1980) diz, que há dois tipos de dança - sagrada e profana:

Dança sagrada - O homem está só diante do Incompreensível: angústia, medo, atração, mistério. As palavras de nada servem. Para que dar a isso nomes como Deus, Absoluto, Natureza, Acaso? ... O que é preciso é entrar em contacto. O que o homem busca, para além da compreensão, é a comunicação. A dança nasce dessa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro. Dança profana - O homem faz parte de um dado grupo étnico, social,

cultural. E tem necessidade de se sentir fazendo parte integralmente deste grupo: de estar em relação com os outros. Muito mais do que as leis, os costumes, o traje e a linguagem é o gesto que vai dar existência a essa união. As mãos se juntam, o ritmo une as respirações, a dança folclórica nasce, com seu leitmotiv universal: a ronda, a farândola [...] (BÉJART, 1980, p. 08).

Então, para mim, o que eu dançava em ambientes eclesiásticos era justamente a dança sagrada apontada por Béjart (1980), em que existe essa necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido. Vejo que esta dança foi meu combustível para a vida durante os anos que a pratiquei e, ultrapassando esses anos passados, veio para o presente, no meu estudo. Na dança sagrada a minha necessidade de dizer o indizível era trabalhada na dança espontânea, já a necessidade de conhecer o desconhecido, era trabalhada no contexto global da dança em ambientes eclesiásticos: o Ministério de Dança, pois através dele, pude experimentar respostas para minha indagação de quem seria o desconhecido, o Ser chamado de Deus.

### **O que é um Ministério de Dança?**

Para melhor explicar do que se trata um ministério de dança, achei importante realizar um estudo de caso do ministério do qual fiz parte de 2008 até 2016: Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan) localizado na Igreja Metodista de Jardim América, no bairro de Jardim América, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O estudo de caso, é um método utilizado em pesquisas que se utilizam de dados e informações reais para chegar a uma possível explicação dentro daquele recorte que foi delimitado (BRANSKI, FRANCO, LIMA, 2012).

A partir disso, criei 4 formulários online, cada um para um público alvo diferente: ex-integrantes do ministério, ex-líderes do ministério, para a membresia da igreja na época que assistiram apresentações do ministério e os pastores responsáveis pela igreja naquele período. Esta escolha foi feita, pois acredito que cada público tem uma perspectiva diferente, diante de seus afetamentos.

Os formulários, que constam em anexo, continham perguntas semelhantes entre todos, mas também algumas perguntas específicas para o público que deveria respondê-lo e diante

das respostas, pude ter um panorama do que o público acreditava ser algo, como por exemplo, o que é um ministério de dança.

De forma unânime pude observar que as ex-integrantes do Ministério de Dança Geração de Daniel descreveram que um ministério de dança é um grupo, inserido na igreja, que tem como objetivo adorar a Deus artisticamente através da dança. Para as ex-líderes, o ministério de dança era uma responsabilidade e também um grupo “onde os integrantes dançam com um propósito, o de agradar a Deus e dançar pra ele” (ENTREVISTADA 8, 2021).

Para a membresia da igreja foi unânime que um ministério de dança é um grupo que adora a Deus com danças, podendo expressar suas emoções e também participar dos eventos relacionados a igreja que faz parte. Já para os pastores, um ministério de dança, além de ser uma forma de expressão para adoração a Deus, era também: “um serviço de apoio à liturgia do culto, sendo executado por pessoas com habilidades na dança. Essa dança deve ser alegre, muito espiritual, criativa, espontânea, bem ensaiada e que envolva toda igreja” (ENTREVISTADA 11, 2021).

Podemos perceber muito o termo “adoração a Deus”, mas também podemos perceber que num contexto geral um ministério de dança é um grupo, integrante de uma igreja, que realiza danças, dando suporte nesse sentido à liturgia do culto e também aos demais eventos ligados à mesma. Mas será que seria somente isso?

Quando as ex-integrantes foram perguntadas especificamente a respeito de como elas descreveriam o Ministério de Dança Geração de Daniel, as respostas se modificaram, trazendo à tona a perspectiva pessoal mediante a experiência de cada uma, seja como dançarina, como líder ou como público que assistiam as apresentações.

Para muitas integrantes o Ministério de Dança GeDan era uma família, ou seja, um lugar de acolhimento, respeito, fortalecimento e suporte, indo muito além de um grupo para dançar. Não se limitava apenas ao aspecto religioso, sendo amplo para a vida de suas ex-integrantes, pois as relações criadas no grupo iam para além desse ambiente.

As respostas das ex-líderes trouxeram o GeDan como um marco na vida delas, acrescentando amadurecimento espiritual e onde começaram a compreender que:

Era muito mais do que danças coreografadas. Era sentir principalmente nos ensaios uma atmosfera incrível de bem estar, de amizade. Muitas de nós tínhamos problemas em comum e ali era o lugar de conversas, desabafos, cura ao falar de nós mesmas e aí a dança era o local de extravasar tudo isso para a pessoa certa: Deus (ENTREVISTADA 8, 2021).

Para a membresia, a experiência do contato com o GeDan trouxe a definição de que o grupo era onde as integrantes se expressavam para Deus e o adoravam. Para algumas ainda, a Dança que era ministrada pelo GeDan era impactante, tendo memórias mesmo após o término do mesmo. Também houveram algumas que disseram que a dança realizada pelo GeDan as faziam compreender o momento. Então, o significado do Ministério de Dança seria muito além do grupo para adorar a Deus, pois diante dessas análises das respostas vemos o quão profundo o ministério poderia ser para alguém.

Já os pastores trouxeram respostas interessantes do que seria o GeDan na perspectiva deles:

O Ministério de Dança Geração de Daniel era composto por adolescentes predominantemente do sexo feminino e que era lideradas por uma irmã de nossa igreja. Era bem organizado, alegre, muito espiritual, criativo e bem ensaiado e Grupo de meninas que demonstravam amor a Deus e compromisso (ENTREVISTADA 11 e 12, 2021).

Assim, posso dizer que o entendimento do que é um Ministério de Dança não é consenso, tendo a dança múltiplas interpretações, fazendo com que cada pessoa que participe direta ou indiretamente tenha sentimentos e sensações diferentes e, a meu ver, cá está a beleza da dança! O GeDan, em específico, foi um ministério que contribui significativamente para todos que tinham contato, formando muito além de adoração a Deus, mas formando amizades, amadurecimento, curas e um lugar confiável.

E minha definição do que seria um ministério de dança e especificamente o GeDan?

Eu acho que tenho problemas com definições (risos), pois pra mim elas são muros e caixas, quando na verdade eu aprecio a liberdade de um campo aberto. Definir e encaixar o ministério de dança em padrões é um pouco difícil, pois nele há âmbitos espirituais, organizacionais e pessoais. Mas se eu tivesse que definir, seria uma analogia ao mar, onde há



dias de calma e dias de turbulência, onde há dias de águas quentes e confortáveis e outros de gélidas águas e um desconforto, também diria que é possível adentrar apenas por poucos passos, mas também há como se aprofundar até tirar os pés do chão.

Já o GeDan é presente em mim, faz parte de mim, como dizíamos “para sempre Geração de Daniel”, não tem como eu definir o GeDan como algo que foi, que está no passado, como algo que não reverbera no presente. O GeDan é atemporal, pois adentrou na minha dança, na forma como a realizo e isso, até o momento está aqui. GeDan é um lugar quente, profundo, acolhedor, de amadurecimento em vários sentidos, de cura e de sensações únicas.

### **Tipos de composições em dança no ambiente eclesialístico & suas sensações**

Ainda me utilizando do estudo de caso, trarei dois tipos de danças realizadas no ambiente eclesialístico que observo até os dias atuais: as coreografias e as danças espontâneas. Além disso, abordarei as sensações que estas danças causaram aos participantes da pesquisa.

Tenho a impressão que as coreografias foram a porta de entrada da dança em ambientes eclesialísticos. Com sequências de movimentos ensaiados anteriormente e memorizados, são executadas, principalmente em datas comemorativas dos cristãos e eventos da igreja local, como: páscoa, natal, aniversário da igreja, eventos etc.

Essa impressão se deu, porque no início, no próprio ministério que eu fazia parte, bem como outros ministérios que tive contato ao longo dos anos, a forma de compor era somente através das coreografias.

Acredito que essa forma de compor em dança, fosse a mais “segura” e habitual para ser a porta de entrada, pois dava a possibilidade de ser vista em ensaios antes da apresentação e também, da coreógrafa, ter um maior controle sobre o que realmente seria apresentado de fato, na apresentação artística.

Ainda havia muitos receios com relação a dança nesse meio, por isso, acredito que essa composição foi a mais adequada para iniciar o processo de inserção. Além do mais, para dançarinas que não tinham prática na dança, essa forma dava a possibilidade, através dos ensaios, de aperfeiçoarem e aprenderem as sequências.

A coreografia em meio evangélico também detém caráter teatral, pois muitas unem a atuação com a dança, com o objetivo do público compreender melhor a mensagem e trazer à tona passagens bíblicas de forma mais lúdica.

Através da análise das respostas das ex-integrantes do GeDan, percebo que para elas, a dança coreografada solicitava um maior nível de atenção, pois não queriam errar os movimentos pré ensaiados, dando uma atmosfera de tensão. Para outras, era mais segura, pois já havia um roteiro de movimentos pré estabelecidos.

Logo, podemos perceber uma característica das coreografias: sequências bem definidas de movimentos, memorizadas anteriormente a partir dos ensaios, para serem exibidas no momento da apresentação. Que para algumas ex-integrantes, estas sequências de movimentos traziam a sensação de segurança por saberem o que iriam fazer, já para outras, uma tensão e certo controle no que se deve fazer, pois não poderiam errar.

No GeDan e em outros ministérios de dança que tive contato, a dança espontânea surge após o estabelecimento da coreografada. O momento de espontâneo pode se dar tanto dentro de uma coreografia, quanto em um solo ou dueto completo. A proposta é que no momento do espontâneo haja liberdade de criação de movimentos, sempre dedicados ao Sagrado, executados pelas dançarinas.

De início foi difícil compreender como fazer, pois não tínhamos um grande vocabulário de movimentos ou técnica de preparação para nos instigar a criar os mesmos. Mas ainda assim, tentamos e foi através desse tipo de composição que a grande parte das integrantes se sentiram sendo curadas, conectadas ao Sagrado e sem responsabilidade de transmitir uma mensagem específica à igreja. Esse tipo de composição trazia consigo uma intimidade ligada ao individual, ou seja, cada dançarina era tocada de forma diferente, pois colocava em seus movimentos sentimentos e demandas distintas.

As ex-integrantes disseram que na dança espontânea encontravam mais liberdade, sensação que o corpo dançava sozinho, maior conexão com o Sagrado, sensação de entregar aquilo que estivesse sentindo, liberdade de expressar sentimentos individuais e liberdade de criação de movimentos.

Um das entrevistadas descreveu da seguinte maneira:

A dança espontânea era onde eu me sentia mais segura. Onde as expressões e movimentos era simplesmente a representação do que se passava no momento. As

características mais marcantes acabavam sempre sendo movimentos de aconchego ou acalento (ENTREVISTADA 6, 2021).

Essa descrição traz consigo a profundidade desse tipo de composição, pois agrega a segurança, a conexão ao momento presente e àquilo que talvez a dançarina necessitasse sentimentalmente.

Para mim, por muitas vezes a dança espontânea foi uma terapia dançada, onde eu colocava em meus movimentos os mais diversos sentimentos, onde eu vomitava sensações e acalentava meu coração com uma sensação de companhia do Sagrado. Era nela também que eu me permitia reverberar o que sentia de ruim e me conectar comigo mesma.

Depois de certo tempo, tendo contato com algumas bibliografias, percebo que a proposta da dança espontânea era semelhante ao que o povo judeu realizava e que a autora Luciana Torres escreve em sua dissertação de mestrado quando diz:

Sendo um povo por natureza festivo, os israelitas apreciavam música ritmada e não ficavam parados para ouvi-la. Gostavam de expressar livremente suas emoções, tanto as alegrias quanto as tristezas, através das danças e o faziam nas suas festas. (TORRES, 2007, p. 40).

E isso me fez pensar na pergunta que fiz anteriormente: “Seria essa dança um improvisado? Seria uma dança espontânea?”. Percebo que através da dança espontânea há uma conexão com a ancestralidade da dança cristã sim, pois expressar livremente suas emoções não me parece algo ensaiado ou pré definido. E como isso é importante, o resgate daquilo que culminou no hoje, percebendo que há muito além a ser explorado e experimentado.

Acredito que a dança espontânea permite às dançarinas um momento em que elas criam seus movimentos, permitindo reverberar o que estão sentindo. Muitas vezes a dança espontânea é acompanhada de um louvor, o que faz a experiência espiritual mais ampla, pois na letra das músicas havia também significados que elas poderiam se utilizar e se apropriar, para trabalhar em sua dança.

Além disso, na dança espontânea era possível se conectar com outra dançarina, quando se fazia em dueto, por exemplo, o que dava a impressão de continuidade, irmandade e confiança. Certas vezes, uma dançarina representava em seu espontâneo o acalento que sua dupla precisava ou até mesmo a força. No GeDan, todas as dançarinas se conheciam, então,

no momento de formar duplas, era um fluxo mais fácil, pois parecia que cada uma sabia o que a outra tinha dentro de si.

Eu percebia sensações diferentes e reverberações nos movimentos distintos dependendo com quem eu dançasse. Havia meninas que trabalhavam mais na base em pé, por exemplo, logo, eu me adaptava e criava movimentações que complementasse. Mas também havia momentos em que percebemos uma conexão profunda, ao ponto de uma realizar um movimento semelhante a outra, ou até, mesmo sem ser combinado antes, uma dançarina “comandar” os movimentos, enquanto a outra reverbera os mesmos em seu corpo, podendo tentar reproduzir o mesmo movimento ou não.

Como já disse, a dança espontânea pode ocorrer no momento dos louvores no culto ou em um determinado momento da coreografia. Quando realizada com o louvor, nem sempre sabíamos a música a ser tocada e isso também dava a sensação de imprevisibilidade, um acaso, que foge do nosso controle, mas que podemos trabalhar e utilizar em nossas criações.

Mas a pergunta que surgia após algum tempo praticando a dança espontânea era: como fazer para não acabar na coreografia? Como não entrar numa zona de conforto de movimentos e acabar reproduzindo sempre os mesmos?

Naquela época não tínhamos acesso a muitas informações e nem aos estudos ou profissionais que nos auxiliassem nisso, então, comecei a perceber esse lugar, onde no espontâneo, mesmo sendo uma ferramenta muito potente de criação e reverberação de sentimentos, poderia se tornar um lugar de rotina e hábitos de movimentação. Mara Guerrero fala sobre isso quando diz: “Quanto mais estabilizados os hábitos, menos espontaneidade é encontrada em qualquer processo evolucionário.” (GUERRERO, 2000, p. 5).

Diante disso, foi interessante para mim, perceber na Graduação em Dança as possibilidades do improvisado e também nas dinâmicas, bibliografias e aulas que me instigaram a sair dessa zona de conforto e explorar novos voos dançantes. Mais a frente falarei um pouco sobre essas estratégias.

### **A sensação de cura através da dança espontânea**

No Ministério de Dança víamos tratamento como cura, mas não só como a cura medicinal que conhecemos. E neste sentido, partilho da definição de cura apresentada pela autora Cláudia Millás, pois ao ler seu artigo, me trouxe à memória o que sentíamos na época que fazia parte do Ministério de Dança:

Curar-se não seria retornar ao estágio anterior de normalidade, dito como tal, mas experimentar outras formas inéditas de viver: “curar é criar para si novas formas de vida, às vezes superior à antiga.” (CANGUILHEM, 2009 apud MILLÁS, 2021, p. 5). Curar seria a realização de uma experiência de emancipação da norma imposta como normal, seria a transformação, e não a retificação das normalidades. Questiona-se, portanto, políticas normatizantes que pensam a cura como forma de retorno ao que se considera como normal, aceito e bem visto. (MILLÁS, 2021, p. 5).

Sentíamos que através da dança e das relações que desenvolvemos no GeDan, éramos curadas. Essa cura era um processo, não algo mágico, de um dia para o outro, ao contrário, ela se dava a partir do compartilhamentos de dores, angústias e conversas, mas principalmente através da dança, onde era permitido “vomitar”, respirar, descansar, acalantar, se alegrar, partilhar, sentir sua fé e experienciar através dos movimentos um processo.

Acredito que meu processo de cura se deu por meio da dança espontânea, onde eu conseguia sentir que estava ficando mais leve das sensações ruins que tinha. Assim, eu compunha meus movimentos e me permitia ouvir o que eu mesma, meu corpo, queria dizer.

Através das respostas do formulário das ex-integrantes, vemos que a dança espontânea contribuiu de forma significativa no processo de cura delas também e para além. O fator espiritual fazia com que a experiência tivesse uma proporção íntima muito elevada. Veremos a seguir como algumas dançarinas se sentiam emocionalmente, fisicamente e espiritualmente no momento em que dançavam a dança espontânea:

- “Sentia como se o meu corpo se mexesse sozinho. Uma emoção, uma alegria, uma presença do Espírito Santo e muita paz” (ENTREVISTADA 1, 2021).
- “Em alguns momentos de dança espontânea era possível sentir a presença do Espírito Santo, dando paz interior. Os passos (movimentos) eram mais firmes e livres, sem ficar pensando se estava fazendo certo ou não” (ENTREVISTADA 5, 2021).

- “Para mim sempre foi até mais intensa que a coreografia em si... eu sentia uma sensação muito boa de paz, um contato mais sincero com Deus” (ENTREVISTADA 7, 2021).
- “Impossível descrever totalmente com palavras. Mas, em suma, sentia que através da dança conseguia expressar minhas emoções nos movimentos, leveza espiritual, sentia Deus comigo e sentia meu corpo fisicamente leve” (ENTREVISTADA 4, 2021).
- “A dança espontânea era onde eu tinha o maior vínculo. As expressões e movimentos eram representações explícitas de todos os sentimentos. Sentia que minha ligação com Deus chegava ao ápice, onde naqueles movimentos só existia eu e Deus” (ENTREVISTADA 6, 2021).
- Emocionalmente a sensação de estar se entregando de corpo e alma pra Deus. Fisicamente a sensação de estar mais leve como se estivesse verdadeiramente na “nuvem”. A sensação que melhor descreve é de estar mais perto de Deus” (ENTREVISTADA 3, 2021).

Podemos ver a paz, leveza e expressão das emoções através dos movimentos realizados durante a dança, proporcionando à dançarina, um certo alívio. E isso me faz recordar do termo “corpo-em-fluxo” também da autora Cláudia Millás, quando ela discorre que “o praticante, ao se colocar no momento, íntegro e presente na ação, desfaz de uma concepção de si para permitir que outras possam ser criadas” (MILLÁS, 2021, p. 2).

Segundo a autora, em suas análises do relato de experiência dos estudantes em duas disciplinas teóricas-práticas (Tópicos Especiais em Técnicas Artísticas e Tópicos Especiais em Estudos do Corpo), foi percebido que:

A partir das análises realizadas, foi percebida a relação entre arte e vida, a transformação dos praticantes e a sensação de integração dos estudantes com o grupo e o espaço que habitavam. Assim, a possibilidade de experienciar um corpo-em-fluxo, que se recria ao longo do percurso, saindo de uma determinada condição e podendo habitar outras, passou a ser visto como possibilidade de cura, enquanto potência de transformação, e de emancipação, como forma de sair de uma dada condição. (MILLÁS, 2021, p. 3).

Percebo semelhanças com o que vivi no GeDan, tanto quanto à sensação de integração com o grupo, quanto com o espaço, possibilitando a minha transformação e meu processo de cura, bem como de outras integrantes. Éramos cuidadas através da dança, uma dança que ia muito além do momento dançado em apresentações, mas a partir de partilhas, divisões, empatia, acolhimento e suporte. Essa interação e comunhão me faz recordar desse trecho que a autora Cláudia Millás compartilha em seu artigo:

Cuidado também seria uma forma de a pessoa sair de si e ir em direção ao outro, seja ele um objeto, um ser ou uma ação, com desvelo e solicitude. Dessa forma, a relação se daria entre sujeito-sujeito, e não entre sujeito-objeto, pois, pelo cuidado, não se vê a natureza e tudo que nela existe como objetos, mas sente-se parte dela, coexistindo, convivendo, em vez de dominar. Não é intervenção, mas interação e comunhão. (MILLÁS, 2021, p. 5).

Assim, acredito que a dança espontânea em alguns ambientes eclesiais seja um tipo de composição em dança muito potente para o processo de cura de suas dançarinas e para contribuir com o conceito de dança muito além do que concebemos, às vezes, como um momento, tornando a dança um lugar atemporal. Mas, acredito ser necessário um acompanhamento de um profissional de psicologia, para transitar em memórias e sentimentos diversos, onde pode ser um lugar para muitas coisas difíceis de lidar.

### **TERCEIRA JANELA - Improviso**

Como disse no meu Inventário, o primeiro contato que tive com o improviso foi na prova de acesso à Graduação em Dança. Depois, nas disciplinas, eram solicitados solos ou dinâmicas em que se praticasse o improviso também, porém sem nenhuma definição específica. Lembro-me que haviam regras pré estabelecidas anteriormente, como por exemplo trabalhar no improviso o que havia sido discutido em aula, mas nada muito aprofundado para essa temática.

Foi no período letivo excepcional, que se deu de forma remota no ano de 2020, devido à pandemia do Covid-19, que realizei a disciplina de Roteiros e Improvisações I, ministrada pela Profª Drª Cláudia Millás, atual orientadora deste trabalho de conclusão de curso. A partir de então, pude ter um maior aprofundamento sobre a temática, tendo subsídio para iniciar meu projeto de TCC através da bibliografia da disciplina, das propostas de jogos de improvisação e das formas de compor um improviso.

Logo no início da disciplina, preenchemos de forma aleatória uma tabela, com partes do corpo e qualidades de ações físicas, que tinha como propósito a criação de uma partitura corporal que nos levasse à execução de movimentos inusitados. Percebi que ao tentarmos realizar a partitura corporal entrávamos em estado de atenção para o jogo do improviso. Além disso, havia uma progressão com relação aos componentes desse improviso, tais como: trilha sonora, figurino, iluminação e cenário.

Foi nessa mesma disciplina que tive acesso à autora Mara Guerrero e suas pesquisas, que em um de seus textos, discorre sobre a definição de improvisação e sobre improvisação com roteiros em dança, o que me chamou muita atenção. Percebi que era aquilo que eu realizava muitas vezes, tanto dentro da Universidade, quanto na dança espontânea em ambientes eclesiais. Sendo assim, para ela:

A improvisação é uma das diversas formas de composição em dança, que se difere pela característica processual em suas configurações. Pode ser definida, de um modo geral, como ocorrência que se obtém através de procedimentos que não apelam para combinação prévia de sua organização (incluindo movimentos e noções de composição constituintes da dança). Pode ser considerada uma 'obra aberta', cuja



pesquisa, produção e apresentação se configuram na ideia de processualidade, entre replicações de regras transitórias e princípios de adaptabilidade nas tomadas de decisões em ‘tempo real’. Não existe uma obra ideal pré-elaborada, e sim uma composição organizada por possibilidades durante a própria ocorrência, indicando a imprevisibilidade e diversidade a qual é constituída. (GUERRERO, 2000, p. 2).

Quando li sobre, comecei a pensar: “É isso! Existe algo nesse tipo de composição que se relaciona com o que já dancei.” Mas como eu conseguia realizar o que não havia aprendido? Talvez, porque há algo no antes e no agora que formaram uma interseção.

### **Interseções com a dança espontânea**

As interseções e semelhanças que percebi foram através dos improvisos com e sem acordos prévios, segundo definição apresentada pela autora Mara Guerrero (2000, 2008). Assim, a improvisação sem acordos prévios seria aquela em que, segundo esta autora: “não há ensaios ou pré-definições sobre desenvolvimentos das ações e composições. Esse tipo de improvisação depende das escolhas realizadas em tempo real. É garantida a autonomia de todos os artistas envolvidos na composição” (GUERRERO, 2008, p. 2).

Na maioria das vezes, a dança espontânea era realizada sem ensaios ou predefinições, principalmente no início, quando ela começou no GeDan. Até mesmo as músicas a serem dançadas poderiam ser desconhecidas pelas dançarinas, até em caso de músicas conhecidas, por serem tocadas ao vivo, várias vezes ocorriam falas ou repetições da parte das cantoras que não era de ciência das delas.

Já o improviso com acordos prévios, conforme apresentado por Mara Guerrero, seria: “Esta forma abrange as improvisações que contam com acordos prévios em suas elaborações, seja em seu processo como em sua apresentação” (GUERRERO, 2008, p. 3).

Esta autora também discorre sobre duas subcategorias dentro do improviso com acordos prévios: a improvisação em processos de criação e a improvisação com roteiros. Diante disso percebo outras interseções e semelhanças com a dança espontânea, pois após sua consolidação, começamos a nos preparar mais para realizá-la, entrando em interseção com o improviso com acordos prévios.

Sabíamos quem seria nossa dupla, então já fomos combinando algumas questões antes da apresentação, como: quem poderia iniciar, por onde iniciaria, se haveria alguma das duas que iria liderar por algum tempo os movimentos enquanto a outra ficava mais atrás para acompanhar. Acompanhávamos também o ensaio do Ministério de Louvor para estarmos cientes das músicas a serem tocadas e a questão espacial era analisada também.

Com o decorrer do tempo, em nossas composições coreográficas, para apresentações e/ou espetáculos, adentramos no que poderia ser uma interseção com a improvisação em processos de criação. Mara Guerrero diz que esse tipo de improviso:

Trata-se de processos de criação que contam com improvisação como fomentadora de suas investigações. Esses processos ocorrem no período anterior à apresentação da dança, são experimentos realizados entre artistas, durante ensaios, que posteriormente se formalizarão em composições. (GUERRERO, 2008, p. 3).

Passamos a experimentar em algumas coreografias a inserção da dança espontânea em alguns momentos, criando no dia da apresentação algo semelhante com o improviso com acordos prévios. Em nossos ensaios, também começamos a abordar pequenas células espontâneas para investigação e composição de coreografias, mas esse processo era difícil por não termos orientação de como expandir este campo de atuação. Pois, como Mara Guerrero diz: “O improvisador não tem condições de fazer tudo o que conhece, e tão pouco fazer o que não experimentou ainda, não tem condições de evitar os hábitos” (GUERRERO, 2000, p. 4).

### **Como não entrar numa zona de conforto de movimentos e acabar reproduzindo sempre os mesmos?**

Quando me deparei com a pergunta: como fazer para não acabar na coreografia? Como não entrar numa zona de conforto de movimentos e acabar reproduzindo sempre os mesmos? Comecei a pensar que poderia haver formas, técnicas, jogos e que eu gostaria de saber mais sobre, estudar mais.

Mas, o que seria zona de conforto? Seria algo ruim? Sair dela seria criar o inédito? Não necessariamente o novo será o inédito, como às vezes pensei. Para mim sair da zona de conforto seria sair de movimentos conhecidos para inéditos, porém ainda que você mergulhe no mesmo rio duas vezes, da mesma forma, ele já não é o mesmo rio. A própria coreografia,

por mais que não seja inédita, traz experiências diferentes dependendo do que ela significa para a dançarina naquele dia, bem como o estado da dançarina naquela ocasião, pois é provável não estarmos em estados iguais.

Então, eu percebo que a princípio, não é que eu quisesse sair completamente da minha zona de conforto, mas sim ampliá-la e instigá-la, até porque, é em nossa zona de conforto que encontramos potências.

E não, você não encontrará uma fórmula mágica para ampliar sua zona de conforto ou sair dela, mas posso dizer que depois da disciplina de Roteiros e Improvisações I, percebi que para ampliar as possibilidades de criação, são necessárias ações, como treinamentos em improvisação, com exercícios e dinâmicas, mas também é necessário a mudança de hábito. O hábito é uma tendência natural intrínseca aos seres vivos e vai se fortalecendo a partir das próprias vivências (GUERRERO, 2000).

Na dança espontânea percebo que o hábito, além de natural, também é produzido pelo próprio meio, pois na liturgia dos cultos há hábitos e padrões estabelecidos. Sendo assim, a dança nesse meio é levada a ser sempre da mesma forma. Porém, para mim, o que Mara Guerrero diz é completamente válido e verdadeiro: “Uma rigidez excessiva paralisa o sistema, assim como uma plasticidade excessiva não cria coesão. Liberdade e coesão se relacionam com propósitos intencionais” (GUERRERO, 2000, p. 4). E, por isso, acredito ser importante a consciência, primeiramente, de que é necessário ter uma mudança de hábito, assim como explicita a autora:

A mudança de hábitos pode ser vista como uma bifurcação que acontece nas relações e na constituição dos signos. Quanto mais estabilizados os hábitos, menos espontaneidade é encontrada em qualquer processo evolucionário. Quanto maior a diferença entre dois signos, mais instável torna-se o processo, o que favorece a mudança de hábito. Porém, durante a ação do tempo, em sua tendência natural, a estabilização de hábitos se fortalece e a espontaneidade diminui. (GUERRERO, 2000, p. 5).

Depois dessa consciência, vejo que é necessário trabalhar também para que ocorra a mudança. Neste âmbito, Mara Guerrero propõe “táticas de movimento e composição da dança com objetivos de experimentar outras formas de organização” (GUERRERO, 2000, p. 8).

Acredito que tanto a dança espontânea quanto o improviso são ferramentas potentes para rever padrões de hábitos, no meio em que estão inseridas, bem como uma ter a outra como instigação. E para além disso, a percepção que há o novo e o outro: pode estar ocorrendo a apresentação do mesmo espetáculo coreografado, com os mesmos movimentos, no mesmo espaço, mesmo figurino, mesma música, mas a cada vez que a dançarina entra em cena pode lidar de outra forma, o modo de interação é outro.

Seria uma improvisação sutil, onde o modo operante muda. A coreografia em si se mantém, mas há um estado improvisacional, o outro e não o novo. Um exemplo disso é o caráter sagrado da dança espontânea, que a torna transcendente, fazendo com que as dançarinas tenham sensações diversas ao dançar, saindo de seu hábito de vida de estar num mundo literal e cru, mesmo estando em algo que não é novo.

Através disso, percebo que ainda faltam na dança espontânea maiores estudos a respeito de técnicas que possibilitem a expansão do campo em composição em dança e pessoas com conhecimento que possam auxiliar dançarinas nesse sentido. Mas através dessa pesquisa pude ver que o improviso pode auxiliar a dança em ambientes eclesiásticos quanto a isso, pois o mesmo traz conceitos e dinâmicas de jogos, onde a dançarina consegue expandir seu vocabulário artístico, não se detendo apenas nos movimentos.

Além do mais, as interseções e semelhanças aqui descritas, podem ser estudadas e aprofundadas, para se tornarem auxiliadoras nos estudos tanto do improviso, quanto da dança em ambientes eclesiásticos protestantes.

#### **QUARTA JANELA - A criação da dança em vídeo e considerações finais**

Diante de tudo que foi construído até aqui, me deparei com uma dança com interseções e que essas interseções são, para mim, janelas. Janelas essas que são nosso corpo, compondo e tecendo memórias a cada estação.

Desde que iniciei o processo do TCC, vislumbrei minhas janelas, que em mim, reverberam com memórias. Cada janela traz uma memória, criada, recriada, vivida, fantasiada, extinta, saudosa, alegre ou dolorosa. E com isso, meu corpo tem algo a dizer.

A partir disso, participando tanto de disciplinas na graduação, quanto por algumas semanas em encontros de improviso, denominado Campo Aberto concebido pela dançarina e pesquisadora Camila Fersi, a imagem literal de uma janela era impossível de não ser formada. Comecei a trabalhar com ela e percebi que lá estava o início do meu trabalho de dança final. Mas, ele não poderia ser em qualquer lugar, ele deveria ser em um lugar que eu chamasse de meu e tivesse minha raiz.

Assim, meu improviso com acordos prévios & dança espontânea & cura, minha dança com interseções, se passa em Itaóca - São Gonçalo. Com meus diálogos, escritas em fluxo, reverberações, improvisos, danças espontâneas e minha cura. Por meio do registro em vídeo, foi possível a relação durante os improvisos com o lugar, com as memórias e com o tempo não cronológico.

Percebo hoje, que o processo criativo ocorreu desde que iniciei meus estudos através da disciplina de Roteiros e Improvisações I, onde consegui alterar a perspectiva dos meus trabalhos de criação para todas as disciplinas. E como a disciplina foi dada remotamente, isso também me fez ter essa visão para o formato em vídeo, já que os trabalhos se davam dessa forma.

Mas na época, não via dessa forma, pois para mim, no momento pandêmico, criar em casa foi um desafio, ainda mais ampliando minhas possibilidades de movimentos, saindo certas vezes da minha zona de conforto e confrontando novos hábitos e novas formas de composição em dança.

Mesmo assim, firmei o vínculo de orientação com a minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Regina Garcia Millás e ela me convidou para participar de seu grupo de estudo, “Palavras Não Suprem”, que se iniciaria no outro semestre.

Outro desafio se formava, pois eu trabalhava tanto de manhã quanto à tarde e o grupo de estudos era pela manhã. Tentei um acordo na empresa que eu trabalho para descontar os atrasos que eu teria das minhas férias e assim participei durante dois semestres do grupo de estudo e eles foram decisivos na minha pesquisa e nos rumos que ela ia traçando.

O primeiro trabalho proposto neste espaço era para identificar algo que nos conectasse com a natureza e que reverberava em nós. Criei “o que as conchas falam”, uma criação em vídeo, já trazendo o ambiente de praia, com os elementos da água do mar, areia e narração reflexiva das minhas escritas em fluxo. Posteriormente, a partir da proposta de criar um trajeto até essa conexão com a natureza, desenvolvi o segundo trabalho em vídeo, “Trajanelas”, que me trouxe até a memória da Ilha de Itaóca, meu combustível nas criações, bem como a analogia de nossas memórias com as janelas.

Paralelamente a isso, participando do grupo de improvisação em dança virtual “Campo Aberto”, pude ter práticas para experimentar diversas formas de improviso e também, desenvolver a imagem da janela, que foi ficando cada vez mais nítida. Acredito também que as janelas tenham surgido através da proposta da minha orientadora de criar algo que conectasse ao meu trabalho escrito, como portas, e que isso trouxesse uma certa ludicidade ao trabalho, já que ele continua sendo um trabalho artístico.

Assim, me veio a ideia das janelas do antigo meio de comunicação: MSN, sempre que alguma usuária entrava, subia uma pequena janela no canto inferior direito da tela do computador avisando “fulana entrou”. Então, enquanto escrevia meu Inventário de Si, foram surgindo temáticas que eu gostaria de trabalhar e me aprofundar mais em meu estudo de TCC, transformando cada tema em uma janela.

Como a primeira proposta da minha orientadora no processo inicial do meu TCC foi o Inventário de Si, logo, tudo ocorrendo simultaneamente, me passou a ideia de que havia ali, interseções e que tudo isso, eram minhas questões geradoras para a pesquisa que eu gostaria de realizar.

## Dança em vídeo: JANELAS

Link para assistir a dança em vídeos: [JANELAS - FINAL](#)

O local de gravação do vídeo “Janelas” foi na Ilha de Itaóca, São Gonçalo - RJ. O que fez com que a dança fosse em vídeo, pois não haveria a possibilidade de compartilhar a criação ao vivo com vocês neste local escolhido. Esse ambiente foi importante pelo fato da minha pesquisa mergulhar em memórias e na minha história a partir do Inventário de Si, causando reverberações distintas durante minha dança.

A criação inicia-se com um pequeno trecho da ponte Rio-Niterói, que é uma travessia necessária para poder chegar até São Gonçalo. Essa ponte foi construída em 1968 e meu avô paterno trabalhou nela como soldador, foi essa ponte que o trouxe para Itaóca, bem como ela me levou até ela também.

Foi nessa travessia que percebi a chuva e pensei “não”, pois eu havia criado a expectativa de um céu bem azul e ensolarado. Mas assim que pensei isso, me veio à mente o caráter da improvisação: o erro pode ser seu melhor acerto, depende da forma que irá lidar. Então decidi trabalhar com esse elemento que eu não tinha controle, percebendo que era exatamente sobre isso que eu falaria em meu trabalho.

Adiante, sigo para uma contextualização da dança em minha ancestralidade, gravando nas ruínas da casa dos meus avós paternos, onde ocorriam as festas, bailes e as danças que tantas vezes ouvi a história. Um aspecto pré estabelecido, foi que essa cena seria filmada simultaneamente por duas câmeras de ângulos diferentes, gerando possibilidades de edição, mas deixando o aspecto do improviso, de ser a criação naquele momento.

*Foto 3: escadaria até a varanda fantasma*



*Fonte: Marcele Marques, 2022.*

Prossigo para a cena da janela, que demonstra uma outra fase do trabalho, criando também a reflexão que me conecta não só à minha história, mas na de muitas outras pessoas, trazendo inclusive algumas memórias difíceis de lidar. A cena foi gravada também simultaneamente por duas câmeras de ângulos diferentes e apenas uma única vez. O local escolhido foi a casa que seria construída pelos meus pais para a moradia deles em Itaóca, mas que não ocorreu devido a situações da vida que os fizeram mudar de cidade. O fato da janela ter grades, me deu um elemento que eu não havia esperado e que foi de grande valia para o momento, o que me ligou aos elementos trabalhados durante a disciplina de Roteiros e Improvisações, e também das propostas do Grupo de Estudos “Palavras não Suprem”, que tinham a questão da utilização de cenário e objetos na criação.

Já a cena na Praia da Beira, inicia uma nova janela, dessa vez sem grades e que traz uma perspectiva de liberdade. Estar na praia que frequento desde o ventre da minha, me trouxe emoções e sensações únicas, que busquei trabalhar com meus movimentos. Também trabalho com os elementos dados através desse ambiente, que são a água do mar, a areia e a chuva. E é isso que me cativa no improviso, as diversas possibilidades que podem ocorrer quando não tentamos controlar tudo. Quando ocorre esse descontrole, inicia-se o processo de escuta do corpo, onde podemos permear lugares e emoções antes abafadas.

*Foto 4: 27 anos depois e cá estou*



*Fonte: Marcele Marques, 2022.*

Durante esse processo da criação da dança em vídeo foi impossível não ter uma interseção com o Sagrado e isso reverberar em mim, pois faz parte também da minha história.



Desde que precisei tomar decisões para minha pesquisa de TCC eu havia decidido o local e também havia um desejo por dançar a música cristã “Pra onde eu irei” do grupo Morada. Então, coloquei a música e só me permiti senti-la com todo meu corpo, porém a música foi adicionada posteriormente, sem encaixes na edição, pois eu não gostaria de depender da música, logo, não necessariamente o que estou dançando naquele momento é o momento exato do que está sendo dito na música.

Por se tratar de uma música gospel/cristã muitos podem achar que se trata de uma dança espontânea, mas ao mesmo tempo, recriar essa experiência em um ambiente diferente, sem liturgias, trabalhando com elementos distintos, que não estariam dentro do ambiente eclesial, me faz pensar que talvez essa dança, pudesse justamente ser uma interseção entre a dança espontânea e a improvisação.

Ao final, trago o local onde passei boa parte da minha infância brincando: o quintal dos meus avós maternos. E que me possibilitou novos elementos, como o chão de barro e a árvore que já havia subido diversas vezes para pegar manga. Essa cena final é uma forma de finalização no vídeo, mas não da pesquisa, que pode se desdobrar em muitas outras. E escolhi essa forma de finalizar a dança em vídeo, pois imaginava o caminhar que tantas vezes fiz, com alegria semelhante ao meu caminhar para o final da graduação.

### **Considerações finais**

A dança com interseções entre improviso & dança espontânea & cura, é potente e traz: encontros, memórias, processos, afetos, relações, ancestralidade, resgate, limites, descontroles, ansiedade, acalento, afago, abraço quentinho, mar, estrelas, natureza, água, areia.

Me fazendo ter perspectivas futuras, essa dança me impulsiona através das mídias sociais, a demonstrar sobre o curso de graduação em dança, como também, mostrar a minha dança com interseções. Outra perspectiva de desdobramento deste trabalho é uma continuidade com aprofundamentos de determinadas temáticas que não foram possíveis de serem aprofundadas nesse momento de TCC.

Considero que o TCC é um grande desafio, principalmente em meio à pandemia, mas ao mesmo tempo, ele deteve um caráter de suma importância para minha formação como artista da dança.

Assim, inicio minhas considerações finais trazendo a importância do processo de escrita do Inventário de Si, pois percebo que ele possibilitou o resgate histórico da minha trajetória de vida e a possibilidade de me reinventar a partir dele, oportunizando-me falar, refletir e compreender algumas questões não só da minha vida, mas de contextos maiores, como da religião em que estou inserida. Pude observar também as janelas que foram abertas, entrando nelas e as recriando a partir das sensações que eu tinha. Dentro do inventário foi possível observar um trajeto, que não é tão linear, mas que demonstra a pesquisa como um percurso percorrido e que não necessariamente possui um final.

Percebi também, nesse trajeto percorrido na pesquisa, que ela é uma coisa só, ou seja: o estudo teórico, a investigação histórica, o levantamento de dados e a prática, não contém uma hierarquia, mas são todos parte fundante com igual importância. Ademais, como futura bacharel em dança pude ver no processo da caminhada, trilhando a partir do presente estudo de TCC, que prática e teoria andam juntas.

E durante todo o processo, pude me recriar, tanto no texto quanto no vídeo, pois a princípio, antes da pandemia, eu tinha uma ideia de realizar uma performance ao vivo, na própria Universidade e com ela, veio a ideia do vídeo. Vídeo esse que foi necessário não só por conta da pandemia, mas principalmente pelo estudo de campo realizado, na minha cidade de origem, onde pude pesquisar os movimentos que reverberavam em mim estando em um local específico da minha memória. Tornando o vídeo uma necessidade.

Assim, considero que a dança espontânea tenha interseções e semelhanças com o improviso, tais como: nem tudo deve ser pré estabelecido, a relação com elementos improváveis (música, sons ambientes, dimensão do local, solo etc), possibilidade de expressar sentimentos e trabalhar com eles através dos movimentos. Possui também interseções e algumas semelhanças com os improvisos com e sem acordos prévios, segundo definição apresentada pela autora Mara Guerrero (2000, 2008).

Outra semelhança e interseção com o improviso, é que ambas são composições em dança, trazem conceitos artísticos e são artes da dança. Mesmo que cada uma tenha suas

especificidades, histórias, dinâmicas e que mesmo em meio ao rito, a adoração, há um ato artístico.

E também diferenças, como as técnicas utilizadas no improviso para não acabar criando hábitos de movimentos, o que não vivenciei na dança espontânea e acredito ser uma necessidade. Há também a diferença na questão dos elementos, pois na dança espontânea, por exemplo, o ambiente é religioso, os figurinos são pensados para que o corpo não seja mostrado de forma sensual, as músicas necessariamente precisam ser cristãs, dentre outras questões. Já no improviso nenhum desses elementos é regra.

Da mesma forma, percebo que na dança espontânea há o elemento sagrado e que isso faz com que ela tenha o foco principal nisso, fazendo também com que haja estudos da bíblia e formas comportamentais segundo a religião que ela pertence. Contrapondo a questão de estudos de movimentos independentes e elementos diversos do improviso. Até mesmo a questão do elemento Sagrado, no improviso não se delimita a uma única religião, tão pouco uma única ideologia.

Sendo assim, refletindo até aqui, o improviso não é uma dança espontânea. E nem a dança espontânea é de toda um improviso. Bem como, a dança espontânea não é a cura e sim os elementos que a permeiam, as pessoas que estão trabalhando com ela e se isso é proposto e trabalhado de forma coerente.

Acredito que a dança espontânea seja um tipo específico de composição em dança, com suas delimitações por conta do ambiente religioso em que está inserida, mas que ainda necessita de aprofundamentos técnicos e estudos pertinentes ao campo da dança, que poderão auxiliar e potencializar a expressão corporal das intérpretes e às possibilidades criativas.

Como já disse anteriormente, tenho certa dificuldade em definições, pois acredito que há significados que não podem ser delimitados a uma única definição, então o “é” é um estado definitivo e singular, assim acredito que a cura não é, mas está, apresentando uma definição aberta. Ela pode estar em uma dança compartilhando sensações ao Sagrado ou em improvisos que dão frio na barriga ou ainda em memórias, recriadas e transformadas. Está nos diversos processos que temos ao longo da nossa vida e pode estar a procura de quem precise dela. E desejo que ela ache!

## REFERÊNCIAS

BÉJART, Maurice. Prefácio. In: GARAUDY, Roger. **DANÇAR A VIDA**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEZERRA, Karina. **História geral das religiões**. 2011. Trabalho de conclusão de Curso em Licenciatura em História. Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2011.

BÍBLIA DA ADOLESCENTE APLICAÇÃO PESSOAL. **A arca da aliança é levada para Jerusalém, A Canção de Miriam**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Rio de Janeiro: CPAD, 2006. Velho Testamento.

BRANSKI, Regina; FRANCO, Raul; LIMA, Orlando. **METODOLOGIA DE ESTUDO DE CASOS APLICADA À LOGÍSTICA**. In: XXIV Congresso de pesquisa e ensino em transportes, 2010, Salvador.

Brasil Escola, 2021. O maior portal de educação do Brasil. Disponível em <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/religiao/religiao-opressao-contra-as-mulheres.htm>. Acesso em 09/11/2021.

Dicio, **Dicionário Online de Português**, 2021. Definições e significados de mais de 400 mil palavras. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20/10/2021.

FÁTIMA, Conceição. **DANÇA: linguagem do transcendente**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GUERRERO, Mara. **FORMAS DE IMPROVISACÃO EM DANÇA**. In: V Congresso da ABRACE, vol. 9, n. 3, 2008, Bahia. Anais. Bahia: Abrace, 2008, p. 1-5.

GUERRERO, Mara. **O ATO COMPOSITIVO NA IMPROVISAÇÃO EM DANÇA: UMA RELAÇÃO ENTRE HÁBITOS E MUDANÇA DE HÁBITOS.** Travessias, n. 2, p. 1-9, 2000.

MILLÁS, Cláudia Regina Garcia. Corpo-em-fluxo: conexões entre dança, educação e saúde. **Interface**, Botucatu, n. 25, p. 1-15, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200376>  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/S7Ny9wBKCg4drqSXMJwHZGj/?lang=pt>.  
Acesso em: 20/11/2021.

SANTINHO, Gabriela; OLIVEIRA, Kamilla. **Improvisação em dança.** Guarapuava: UNICENTRO, 2013

SCHALLENBERGER, Djoni. **Dança Litúrgica: Símbolo, Rito, Linguagem Religiosa e Cultural.** Teologia & Espiritualidade – Revista Eletrônica da Faculdade Cristã de Curitiba, Curitiba, vol. 1, n. 2, p. 1-23, 2013.

TORRES, Luciana. **A dança no culto cristão.** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

## ANEXOS

### **Anexo A - Formulário eletrônico Ex-integrantes do Ministério de Dança Geração de Daniel: EX-INTEGRANTES - POSSÍVEIS INTERSEÇÕES ENTRE A IMPROVISAÇÃO E A DANÇA ESPONTÂNEA EM AMBIENTE ECLESIAÍSTICO: UM ESTUDO DE CASO**

Rio de Janeiro, 05/2021

Aluna: Cibelle Pereira Marques

Professora Orientadora: Cláudia Millás

Pesquisa auxiliadora no processo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora doutora Cláudia Millás.

Olá! Primeiramente gostaria de agradecer por você está fazendo parte dessa pesquisa e contribuindo de forma significativa para o meu TCC! Suas experiências são relevantes para mim.

Aqui é um questionário para você desenvolver sua escrita o máximo que puder, então não precisa se preocupar se sua resposta ficar extensa, esse é o objetivo mesmo :)

Inclusive, caso haja algum ponto que queira discutir e ele não esteja aqui no questionário, estou aberta a te "ouvir", ao final dele terá um espaço reservado para isso.

Inicialmente estou trabalhando com o estudo de caso do Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan) que foi fundado na Igreja Metodista de Jardim América no ano de 2008. E para mim a sua experiência é muito significativa. A fim de analisar e investigar as práticas de composição em dança e o que permeava esse ambiente.

Esse estudo é extremamente significativo para a área da dança em geral e para a área ministerial, criando assim uma pesquisa importante para ambos os campos.

A seguir, preciso de alguns dados seus, mas pode ficar tranquila que eles estarão apenas abertos para mim (Cibelle), os demais participantes da pesquisa não terão acesso! A pesquisa é anônima, mas preciso de alguns dados a título de levantamento de dados. E caso suas respostas sejam utilizadas durante o TCC, elas serão anônimas, sem nome ou dado específico. Preciso que me fale: 1) seu nome e sobrenome, 2) o tempo que participou do Ministério de

Dança Geração de Daniel, 3) sua idade quando começou no Ministério e sua idade atual, 4) quanto tempo faz que saiu do Ministério.

1- Como você descreveria um ministério de dança? E como descreveria especificamente o Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan)?

2- Ao longo do tempo que passou nesse ministério (GeDan) você vivenciou diversas experiências. Você acredita que essas experiências foram positivas? Por que?

3- Havia também encontros para ensaios e estudos. Você se lembra como eram esses encontros? Se sim, pode me contar do que se recorda e o que eles significaram para você?

4- Sentiu algum tipo de dificuldade ao longo da sua participação no ministério? Se sim, qual foi sua dificuldade?

5- Acredita que o pastor responsável pela Igreja nos anos do ministério contribuiu de alguma forma para a GeDan? Por que? Você acredita que ele (o pastor) contribuiu de alguma forma para sua vida como integrante do Ministério de Dança?

6- Nessa época, provavelmente você teve contato com a dança espontânea. Você se recorda desse tipo de dança? Se sim, do que recorda? Como a descreveria? Você percebia que havia algumas características específicas dessa dança? Se sim, pode me falar por favor!

7- Caso você tenha em algum momento dançado a dança espontânea, o que sentia emocionalmente, fisicamente e espiritualmente nesse momento?

8- Você percebia algumas diferenças entre as danças coreografadas e as danças espontâneas? Se sim, quais? Você tinha alguma predileção entre a dança espontânea e coreografada? Se sim, qual era? Por que?

9- Você percebeu se havia uma aceitação dos membros e outros líderes da IMJA com relação ao Ministério de Dança? Acredita que houve em algum momento rejeição, preconceito e/ou diferenciação no tratamento em comparação com outros ministérios? Se sim, por qual motivo?

10- Para você qual era a função que a religião teve durante esse tempo que era integrante do ministério de dança? Como descreveria essa religião?

11- Depois da sua experiência com o Ministério de Dança Geração de Daniel, você participou de algum outro Ministério de Dança? Se sim, percebeu alguma diferença na perspectiva da dança e suas abordagens? Se não, por que não participou de outro?

Aqui não é pergunta não! (UFA!) É para deixar algum comentário que deseje sobre qualquer assunto que esteja ou não aqui! Ou algo que acredita que irá acrescentar na minha pesquisa :) Agradeço desde já a sua participação e dedicação! Lembrando que suas respostas serão muito importantes para a minha pesquisa!



**Anexo B - Formulário eletrônico Ex-líderes do Ministério de Dança Geração de Daniel:  
LIDERANÇA - POSSÍVEIS INTERSEÇÕES ENTRE A IMPROVISACÃO E A  
DANÇA ESPONTÂNEA EM AMBIENTE ECLESIASTICO: UM ESTUDO DE CASO**

Rio de Janeiro, 05/2021

Aluna: Cibelle Pereira Marques

Professora Orientadora: Cláudia Millás

Pesquisa auxiliadora no processo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora doutora Cláudia Millás.

Olá! Primeiramente gostaria de agradecer por você estar fazendo parte dessa pesquisa e contribuindo de forma significativa para o meu TCC! Suas experiências são relevantes para mim.

Aqui é um questionário para você desenvolver sua escrita o máximo que puder, então não precisa se preocupar se sua resposta ficar extensa, pois esse é o objetivo mesmo :)

Inclusive, caso haja algum ponto que queira discutir e ele não esteja aqui no questionário, estou aberta a te "ouvir". Ao final, terá um espaço reservado para isso.

Inicialmente estou trabalhando com o estudo de caso do Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan) que foi fundado na Igreja Metodista de Jardim América (IMJA) no ano de 2008. E para mim é muito importante as suas experiências. A fim de analisar e investigar as práticas de composição em dança e o que permeava esse ambiente.

O presente estudo é extremamente significativo para a área da dança em geral e para a área ministerial, criando assim uma pesquisa importante para ambos os campos.

A seguir, preciso de alguns dados seus, mas pode ficar tranquila que eles estarão apenas abertos para mim (Cibelle), os demais participantes da pesquisa não terão acesso! A pesquisa é anônima, mas preciso de alguns dados a título de levantamento de dados. E caso suas respostas sejam utilizadas durante o TCC, elas serão anônimas, sem nome ou dado específico. Preciso que me fale: 1) seu nome e sobrenome, 2) o tempo que participou do Ministério de Dança Geração de Daniel e o tempo que foi líder, 3) sua idade quando começou no Ministério

e sua idade atual, 4) sua idade quando se tornou líder do Ministério, 5) quanto tempo faz que saiu do Ministério.

1- Como você descreveria um ministério de dança? E como descreveria especificamente o Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan)?

2- Você em algum momento se tornou líder do Ministério de Dança Geração de Daniel. Qual era o processo para se tornar uma líder de Ministério? No seu caso, como se deu esse processo para se tornar líder da GeDan? Quais eram suas funções com esse cargo? E quais eram seus propósitos quando se tornou líder?

3- No tempo que esteve como líder, vivenciou diversas experiências. Como essas experiências marcaram sua vida no geral? Por que? Se recorda de alguma que foi mais marcante? Se sim, me conte aqui, por favor!

4- Com relação aos momentos de estudo e ensaio, como se davam seus planejamentos? Esses planejamentos eram de sua responsabilidade? Você acredita no caráter teórico dos estudos e prático dos ensaios? Existia alguma relação entre esses dois momentos?

5- Você integrava o Ministério também como dançarina? Se sim, como era para você fazer parte desse Ministério das duas formas (dançarina e líder)? Se não integrava dançando, mas somente na liderança, há uma razão específica para isso? Se sim, me conta por favor!

6- Acredita que o pastor responsável pela Igreja nos anos do ministério contribuiu de alguma forma para a GeDan? Por que? Você acredita que ele (o pastor) contribuiu de alguma forma para sua vida como líder do Ministério de Dança?

7- Como funcionavam os processos de montagens das coreografias que apresentavam? Como líder, você era responsável por esse momento?

8- Você se recorda como foi o processo de inserção da dança espontânea na GeDan? Se sim, me conte sobre esse processo, por favor! Quais eram as diferenças que percebia entre esse tipo de dança (espontânea) e as coreografadas?

9- Se recorda de alguma (s) situação (ões) difícil (eis), vivenciada enquanto líder e que queira relatar aqui? Por que considerou essa situação difícil? Poderia discorrer sobre essa situação e se ela teve um fechamento?

10- Você percebeu se houve uma aceitação dos membros e outros líderes da IMJA com relação ao Ministério de Dança? Acredita que houve em algum momento rejeição, preconceito e/ou diferenciação no tratamento em comparação com outros ministérios? Se sim, por qual motivo?

11- Depois da sua experiência com o Ministério de Dança Geração de Daniel, você participou de algum outro Ministério de Dança? Por que? Se sim, percebeu alguma diferença na perspectiva da dança e suas abordagens?

12- Para você qual era a função que a religião teve durante esse tempo que era integrante do ministério de dança? Como descreveria essa religião?

Aqui não é pergunta não! (UFA!) É para deixar algum comentário que deseje sobre qualquer assunto que esteja ou não aqui! Ou algo que acredita que irá acrescentar na minha pesquisa :) Agradeço desde já a sua participação e dedicação! Lembrando que suas respostas serão muito importantes para a minha pesquisa!

**Anexo C - Formulário eletrônico Pastores que lideraram a igreja na época do Ministério de Dança Geração de Daniel: PASTOR - POSSÍVEIS INTERSEÇÕES ENTRE A IMPROVISAÇÃO E A DANÇA ESPONTÂNEA EM AMBIENTE ECLESIASTICO: UM ESTUDO DE CASO**

Rio de Janeiro, 05/2021

Aluna: Cibelle Pereira Marques

Professora Orientadora: Cláudia Millás

Pesquisa auxiliadora no processo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora doutora Cláudia Millás.

Olá! Primeiramente gostaria de agradecer por você estar fazendo parte dessa pesquisa e contribuindo de forma significativa para o meu TCC! Suas experiências são relevantes para mim.

Aqui é um questionário para você desenvolver sua escrita o máximo que puder, então não precisa se preocupar se sua resposta ficar extensa, pois esse é o objetivo mesmo :)

Inclusive, caso haja algum ponto que queira discutir e ele não esteja aqui no questionário, estou aberta a te "ouvir". Ao final, terá um espaço reservado para isso.

Inicialmente estou trabalhando com o estudo de caso do Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan) que foi fundado na Igreja Metodista de Jardim América (IMJA) no ano de 2008. E para mim é muito importante as suas experiências. A fim de analisar e investigar as práticas de composição em dança e o que permeava esse ambiente.

O presente estudo é extremamente significativo para a área da dança em geral e para a área ministerial, criando assim uma pesquisa importante para ambos os campos.

A seguir, preciso de alguns dados seus, mas pode ficar tranquilo que eles serão apenas abertos para mim (Cibelle) e para a minha orientadora, os demais participantes da pesquisa não terão acesso! A pesquisa é anônima, mas preciso de alguns dados a título de levantamento de dados. E caso suas respostas sejam utilizadas durante o TCC, elas serão anônimas, sem nome ou dado específico. Preciso que me fale: 1) seu nome e sobrenome, 2) o tempo que foi pastor

na Igreja Metodista de Jardim América (IMJA), 3) sua idade quando se tornou pastor da IMJA.

1- Como você descreveria um ministério de dança? E como descreveria o Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan)?

2- O senhor se recorda qual foi o primeiro contato que teve com a dança no ambiente eclesial que estava inserido? Se sim, poderia me contar por favor sobre esse contato e o que achou dele?

3- Para o senhor, qual era a função e a importância do Ministério de Dança GeDan no contexto que ele estava inserido? Como ele contribuía para a IMJA? E como se davam os procedimentos para as apresentações de espetáculos ou danças solos?

4- Para o senhor, qual a importância da Dança em ambientes eclesiais? E qual é o papel/função da Dança nesses ambientes?

5- O senhor se recorda do processo de criação do Ministério de Dança Geração de Daniel em 2008? Se sim, poderia descrever como foi esse processo? Quais as etapas, como se deu e etc.

6- Já teve contato com outros ministérios de dança? Se sim, notava algum tipo de diferença entre eles e o que havia na IMJA?

7- Quando o senhor assistia a GeDan dançando, o que sentia/pensava? Há alguma memória de uma apresentação de dança desse ministério que marcou/impactou o senhor? Se sim, poderia me contar qual (is) e por que?

8- Poderia descrever quais eram suas funções enquanto pastor da Igreja com o Ministério de Dança GeDan?

9- Como o senhor percebia a relação dos outros membros com o Ministério de Dança? Havia engajamento e/ou aceitação? Por que?

Aqui não é pergunta não! (UFA!) É para deixar algum comentário que deseje sobre qualquer assunto que esteja ou não aqui! Ou algo que acredita que irá acrescentar na minha pesquisa :) Agradeço desde já a sua participação e dedicação! Lembrando que suas respostas serão muito importantes para a minha pesquisa!

**Anexo D - Formulário eletrônico Membresia que assistiu as apresentações do Ministério de Dança Geração de Daniel: MEMBROS - POSSÍVEIS INTERSEÇÕES ENTRE A IMPROVISAÇÃO E A DANÇA ESPONTÂNEA EM AMBIENTE ECLESIASTICO: UM ESTUDO DE CASO**

Rio de Janeiro, 05/2021

Aluna: Cibelle Pereira Marques

Professora Orientadora: Cláudia Millás

Pesquisa auxiliadora no processo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora doutora Cláudia Millás.

Olá! Primeiramente gostaria de agradecer por você estar fazendo parte dessa pesquisa e contribuindo de forma significativa para o meu TCC! Suas experiências são relevantes para mim.

Aqui é um questionário para você desenvolver sua escrita o máximo que puder, então não precisa se preocupar se sua resposta ficar extensa, pois esse é o objetivo mesmo :)

Inclusive, caso haja algum ponto que queira discutir e ele não esteja aqui no questionário, estou aberta a te "ouvir". Ao final, terá um espaço reservado para isso.

Inicialmente estou trabalhando com o estudo de caso do Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan) que foi fundado na Igreja Metodista de Jardim América (IMJA) no ano de 2008. E para mim é muito importante as suas experiências. A fim de analisar e investigar as práticas de composição em dança e o que permeava esse ambiente.

O presente estudo é extremamente significativo para a área da dança em geral e para a área ministerial, criando assim uma pesquisa importante para ambos os campos.

A seguir, preciso de alguns dados seus, mas pode ficar tranquilo (a) que eles estarão apenas abertos para mim (Cibelle), os demais participantes da pesquisa não terão acesso! E caso suas respostas sejam utilizadas durante o TCC, elas serão anônimas, sem nome ou dado específico. Preciso que me fale: 1) seu nome e sobrenome, 2) sua idade quando teve seu primeiro contato

com o Ministério de Dança Geração de Daniel e sua idade atual 3) era ou é familiar de alguém que era integrante e/ou líder do Ministério de Dança? Se sim, qual o parentesco?

1- Como você descreveria um ministério de dança? E como descreveria o Ministério de Dança Geração de Daniel (GeDan)?

2- Ao longo do tempo que passou na Igreja Metodista de Jardim América você presenciou alguma apresentação do Ministério de Dança GeDan? Em caso afirmativo, gostaria de saber o que sentia/pensava quando as assistia.

3- Me conte aqui qual foi a apresentação da GeDan que se recorda e foi especial para você por favor! E me diz, por que essa apresentação foi especial? Ela te causou alguma sensação?

4- Você assistiu apresentações de Dança de outros Ministérios de Dança, além do Ministério de Dança Geração de Daniel? Se sim, consegue identificar alguma diferença entre a dança e o modo de dançar dos dançarinos em comparação com a GeDan? Me fale sobre essas diferenças, por favor!

5- Para você, para que serve a dança na igreja e qual a importância dela em ambientes eclesiais?

Aqui não é pergunta não! (UFA!) É para deixar algum comentário que deseje sobre qualquer assunto que esteja ou não aqui! Ou algo que acredita que irá acrescentar na minha pesquisa :) Agradeço desde já a sua participação e dedicação! Lembrando que suas respostas serão muito importantes para a minha pesquisa!

**Anexo E** - Ficha Técnica dança em vídeo JANELAS:

**Orientação:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Regina Garcia Millás (DAC/UFRJ)

**Banca avaliadora:** Prof<sup>ª</sup>. Cláudia Regina Millás, Prof<sup>ª</sup>. Isabela Buarque

**Intérprete Criadora:** Cibelle Pereira Marques

**Produção Executiva:** Cibelle Pereira Marques

**Assistentes de Produção:** Marcele Pereira Marques, Arthur Felisberto da Silva

**Fotografia:** Cibelle Marques, Marcele Marques, Arthur Felisberto

**Videomakers:** Marcele Pereira Marques, Arthur Felisberto da Silva

**Edição:** Marcele Pereira Marques

**Designer Gráfica:** Marcele Pereira Marques

**Legendas:** Marcele Pereira Marques

**Direção:** Cibelle Pereira Marques

**Data:** 08/01/2022

**Local:** Ilha de Itaóca, São Gonçalo - RJ

**Equipamentos:** Câmera GOPRO Hero +3, Câmera de celular Redminote 9S, Câmera de celular iPhone 7, tripé simples de estatura baixa.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL**

O Trabalho de Conclusão do Curso *"Inventário de Si: janelas que se abrem para possíveis interseções entre a dança espontânea em ambientes eclesiais e a improvisação em dança"*

*elaborado por:* Cibelle Pereira Marques (DRE: 117032360)

*e aprovado pelo professor orientador e professor convidado, foi aceito pelo Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ como requisito parcial à obtenção do grau de:*

**BACHAREL EM DANÇA**

PROFESSORES:

Orientadora: Claudia Regina Gomes de Sá

Convidada: Isabela Maria G. Buarque

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2022.



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 25 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e dois, às 19h via encontro virtual na plataforma Google Meet, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Inventário de Si: janelas que se abrem para possíveis interseções entre a dança espontânea em ambientes eclesiásticos e a improvisação em dança”, de autoria da discente Cibelle Pereira Marques, DRE: 117032360, do curso de Bacharelado em Dança do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DAC/EEFD/UFRJ).

A Comissão Examinadora constituída pelas docentes (Nome/Instituição): Cláudia Regina Garcia Millás - Orientadora – DAC/EEFD/UFRJ e Isabela Maria Azevedo Gama Buarque - Convidada – DAC/EEFD/UFRJ, ressalta: a originalidade do estudo e a coragem com que a estudante enfrentou os desafios propostos, evidenciando o empenho da mesma, por ter desenvolvido o trabalho ao longo de um período pandêmico complexo, com diversas restrições, além da segurança com a qual a estudante defendeu seu trabalho. Acrescenta que deve ser seguido o prazo determinado para submeter a versão final do TCC com as devidas correções e aperfeiçoamentos apontados pela Comissão em questão.

A banca indica a continuidade da pesquisa. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, os membros da banca consideraram o trabalho de conclusão de curso:

Aprovado

Reprovado

Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Regina Garcia Millás - Orientadora – DAC/EEFD/UFRJ

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabela Maria Azevedo Gama Buarque – Convidada – DAC/EEFD/UFRJ